

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

— conexão —

Literatura

Julho / 2019

nº 49

NESTA EDIÇÃO:
ENTREVISTA COM
ESCRITORES
DICAS DE LIVROS
RESENHAS
CONTOS
E MUITO MAIS...

www.revistaconexaoliteratura.com.br



FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES

SUMÁRIO

JULHO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Crônica: "Quando se escreviam cartas", por Roberto Schima, pág. 05
Poema: "Eu continuo acreditando", por Luiza Moura, pág. 09
Artigo científico: "Educação escolar e universitária em estilo híbrido: uma nova modalidade de ensino-aprendizagem *zap* e *app* no Brasil da pós-modernidade", por Marcos Pereira dos Santos e Antonia Pereira dos Santos, pág. 10
Dicas de livros: págs. 21 e 22
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 23
Entrevista com a escritora Cida Simka, pág. 24
Entrevista com a escritora Fernanda Camillo, pág. 30
Entrevista com a escritora Rosângela Vieira Rocha, pág. 33
Conto: "O trovão e as ondas", por Roberto Schima, pág. 38
Conto: "O hóspede 37", por Cecília Torres Nogueira, pág. 49
Conto: "Indagações na chuva", por Roberto Schima, pág. 54
Conto: "Entrelaçado em azul", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 71
Conto: "Loba", por Roberto Schima, pág. 75
Conto: "Costanza", por Míriam Santiago, pág. 84
Conto: "A última bolacha do pacote", por Roberto Schima, pág. 88
Conto: "Nina e o homem da sunga preta", por Roberto Leon Ponczek, pág. 92
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 100

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e diagramação: Ademir Pascale.

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Roberto Schima - Roberto Leon Ponczek - Marcos Pereira dos Santos e Antonia Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - Cida Simka e Sérgio Simka - Luiza Moura - Cecília Torres Nogueira - José M. S. Freire - Rosângela Vieira Rocha - Fernanda Camillo

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

4 anos de Revista Conexão Literatura. Tudo começou com uma ideia em julho/2015, sendo lançada de forma experimental a edição de nº 01, tendo como destaque o escritor Oscar Wilde. A Revista Conexão Literatura tornou-se um grande canal digital de entretenimento e informação para autores, leitores, editores, blogueiros e profissionais do meio literário e cultural.

Foram entrevistados e passaram por nossas edições autores como Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Martinho da Vila, Eduardo Spohr, José Xavier Cortez, Pedro Bandeira, Paula Pimenta e Mario Sergio Cortella, além das plataformas Amazon KDP e Skoob. Publicamos centenas de autores nesses 4 anos de vida.

E que venham muitos outros anos...

Tenha uma ótima leitura!

Acesse

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe





Quando se escreviam cartas

por Roberto Schima

Crônica

Saudade do tempo da correspondência quando, no sossego de uma escrivadinha, punha-me a discorrer sobre acontecimentos do dia ou pequenos tumultos do pensamento, sobre certezas e incertezas, amenidades, decepções, vitórias e derrotas, um programa na TV, um livro apreciado, um passeio realizado, uma recordação de infância e coisas assim.

Saudade dessa época em que podia contar com a privacidade e explorar em maior profundidade um tema qualquer, para aquela pessoa em particular, a quem eu poderia melhor conhecer, compreender ou até discordar e discutir.

Ao escrever, eu podia entrar em um contato mais íntimo comigo mesmo, refletir melhor sobre as palavras a serem utilizadas e que melhor pudessem expressar meus pensamentos e sentimentos.

Ao ler, eu podia ouvir a voz da pessoa junto ao meu ouvido, como se ela estivesse ali ao lado, podia escutar suas confidências, ouvir suas risadas, compartilhar suas emoções, atentar-me aos detalhes de sua caligrafia.

Havia cumplicidade. Não obstante os contratempos (ou até por causa deles) de escrever-se uma carta à mão, adquirir envelope e selo, pegar uma fila na agência de correio mais próxima e aguardar dias ansiosos pela resposta, esse tempinho deixou sua cota de nostalgia e poder rere uma ou outra das antigas correspondências é resgatar não somente essa fase, mas a pessoa a quem confiamos nossas dissertações e filosofias de pára-choque de caminhão, e, igualmente, escutarmos seus

sonhos, suas alegrias e decepções.

O tempos mudaram...

A informática e a Internet se por um lado facilitaram de forma extraordinária o contato, por outro - e paradoxalmente - distanciaram as pessoas ou, pelo menos, tornaram as "conversas" mais superficiais, genéricas e impessoais.

A privacidade se foi.

A profundidade tornou-se tão rasa quanto um pires.

A reflexão cedeu lugar a impulsividade.

Obviamente, isso vale para mim também. Confesso não ter mais paciência para apanhar uma fila no correio. Tampouco os dias corridos contribuem para que tenhamos um raro momento a fim de colocarmos as idéias no lugar, dialogarmos conosco, meditar com um mínimo de humildade ou discernimento sobre algo que idealizamos, fizemos, presenciamos, o que passou e o porvir.

Falamos em demasia e dizemos muito pouco.

Nossos ouvidos estão atordoados por tantas vozes vazias.

Onde estará aquele sussurro amigo, junto ao nosso ouvido, na paz de uma escrivadinha,

enquanto que, através da janela, os últimos raios de sol despejam-se no horizonte?

Restaram ecos. Ecos em consonância a um melancólico suspiro.

É o progresso...

... é pena.

E, assim, mais uma noite chegará a trazer os sons de grilos e o cintilar solitário das estrelas.

NOTA DO AUTOR: Esta pequena reflexão foi escrita em 06.01.2016. Sobre a correspondência, eu gosto de mencionar um artigo intitulado "Escrever Cartas - uma Arte Esquecida", de Flora Rheta Schreiber, publicado em "Seleções do Reader's Digest" (março de 1961), onde a autora conclui: "... Rer ler essas cartas, recordando as emoções tranquilamente, é um infinito consolo que permite recapturar o passado sem perder-me nele e voltar para casa com marcos a indicar o caminho".



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 60 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS



ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

EU CONTINUO ACREDITANDO

POR LUIZA MOURA



**Eu continuo acreditando no Amor
Mesmo quando parece difícil acreditar**

**Acredito no que transforma
No que constrói**

No que nos faz querer ficar

Eu continuo acreditando no Amor

Que nos devolve a paz

Naquele que nos devolve a vida

Realiza desejos

E que nos faz sonhar

Eu continuo acreditando no Amor

Que nos desnuda a alma

Que nos faz contar segredos

Retira os medos

Que ensina a voar

Eu continuo acreditando no Amor

Que dá brilho aos olhos

Nos retira pra dança

Faz o riso mais alto

E principalmente nos permite acreditar

Que vale a pena continuar acreditando no Amor

Luiza Moura é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Pós-graduada em Saúde Pública e Enfermagem do Trabalho. Estudante de Perícias Forenses. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Chanceler Honorária da Sociedade Filosófica Ateniense na Cidade de Feira de Santana/BA.



por Marcos Pereira dos Santos e
Antonia Pereira dos Santos

Educação escolar e universitária em estilo híbrido: uma nova modalidade de ensino-aprendizagem *zap* e *app* no Brasil da pós-modernidade

Artigo Científico

Quadro de giz, sala de aula invertida, educação *blended*, *zaps* e/ou *apps*?: eis a questão!

O presente artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa bibliográfica, tem como principal objetivo trazer a lume alguns apontamentos teóricos crítico-reflexivos concernentes à educação escolar e universitária desenvolvida de forma híbrida, a qual se configura como uma nova modalidade de ensino-aprendizagem *zap* e *app* no Brasil do século XXI – época histórica também denominada por muitos historiadores, antropólogos, sociólogos, filósofos, cientistas sociais, cientistas políticos, literatos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como *novo milênio*, *terceiro milênio*, *contemporaneidade*, *neomodernidade*, *modernidade líquida*,

modernidade fluida, pós-modernidade, sociedade da informação, sociedade midiática, era tecnológica, comunidade interativa, geração zapp, geração app, dentre outras expressões terminológicas. (SANTOS, 1989; DEMO, 1993; SANTOS, 1997; LYOTARD, 1998; LÉVY, 1999; BAUMAN, 2001; HARVEY, 2002; BELLONI, 2005; VEEN; VRAKKING, 2009; MATTA, 2011)

Diz-se isto, porque, historicamente, o tempo cronológico não é linear, mas cíclico; havendo assim um processo de continuidade, porém com nova “roupagem identitária”, de um tempo histórico para outro (seja em termos de anos, décadas, séculos ou milênios), não caracterizando, portanto, uma ruptura ou fissura temporal como muitas vezes se pode imaginar.

Todavia, existem alguns elementos socioculturais, tais como ideologias, crenças, hábitos, costumes, valores e formas de pensar-fazer que permanecem estáveis, imutáveis; enquanto outros sofrem significativas e radicais alterações, modificações, transformações e ressignificações, o que se constitui, de acordo com Antunes (1986), Garcia (1995) e Pienta *et al* (2005), em rompimento ou “crise” de paradigmas da Ciência nos âmbitos social, político, econômico, ético, moral, religioso, cultural e educacional em sentido amplo.

Trata-se, pois, de uma nova condição existencial para a vida humana (BOFF, 1997; ARENDT, 2008), ou seja, a transição social e educacional de um *paradigma tradicional/conservador* de viés newtoniano-cartesiano, técnico-racionalista e mecanicista (pedagogias tradicional, escolanovista – Escola Nova, Ativa ou Renovada – e tecnicista que priorizam a fragmentação e reprodução dos saberes científicos na sociedade da informação) para um *paradigma inovador, emergente ou da complexidade* de cunho holístico, analítico-dialético, emancipatório e de educação integral (tendências pedagógicas educacionais de abordagem progressista/histórico-crítica, holística e de metodologia do ensino com pesquisa que enfocam a produção dos saberes científicos na sociedade do conhecimento, das inteligências múltiplas e da educação significativa); segundo o que demonstram estudos científicos desenvolvidos por D’Ambrósio (1999), Duarte (2003), Pienta *et al* (2005) e Silva (2005).

Com o advento da Informática e da rede *internet*, no Brasil, no início da década de 1990 (OLIVEIRA, 2001), foram surgindo paulatinamente as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e as mídias tecnológicas em geral, o que ocasionou uma expressiva “curvatura da vara” (SAVIANI, 1995) no que tange aos aspectos teóricos (tendências/pedagogias educacionais) e práticos (organização/gestão pedagógica, técnicas/métodos de

ensino-aprendizagem e trabalho docente) no âmbito da educação escolar e universitária brasileira.

É sabido que, segundo o Artigo 21, Incisos I e II, da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei federal nº 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996, no contexto brasileiro “a educação escolar compõem-se de: I – Educação Básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental [de nove anos] e Ensino Médio; e II – Educação Superior”. (BRASIL, 1996)

Sendo assim, e entendendo-se que “Educação, em latim, vem de *educationem* que, por seu turno, surge de *educare* e este último tem sua derivação de *educere*, significando conduzir, levar” (BUENO, 1966, p.1061), “[...] extrair, tirar, desenvolver” (BRANDÃO, 1981, p.63), e sendo, via de regra, uma atividade criadora e (trans)formadora do homem de caráter, bem como uma prática sociocultural essencialmente humana que se desenvolve de forma contínua desde as origens do ser humano e se estende até o fim da vida, podendo ocorrer de modo sistemático, assistemático, intencional, não intencional, especial/inclusivo, formal, não formal ou informal, conforme postula Libâneo (1999), temos que, nos dias atuais, a mesma tem sido desenvolvida de maneira presencial, semipresencial (híbrida) e ou a distância *on-line*; rompendo assim barreiras e fronteiras espaciais, temporais, histórico-geográficas e epistemológicas.

No Brasil dos dias atuais, assim como em muitos outros países desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento político-econômico e sociocultural, a educação escolar formal, especificamente em nível de Educação Básica, tem ocorrido de modo presencial com a presença física de professores e alunos interagindo em salas de aula reais/concretas e com o uso de livros didáticos e/ou apostilas escolares na versão impressa; conforme é de praxe, tradicional, trivial.

Este tipo de educação presencial ainda é muito comum nas escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares brasileiras de Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano – antiga 1ª a 4ª série), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano – antiga 5ª a 8ª série) e Ensino Médio. Até o presente momento, não se tem nenhuma notícia oficial acerca da existência de instituições educacionais (creches, escolas, colégios, liceus, dentre outras) que ofertam curso primário, ginásial e secundário de maneira semipresencial ou cem por cento a distância ao seu alunado.

O que existe atualmente são algumas escolas brasileiras de Educação Básica misturando o ensino presencial com propostas educacionais de ensino

on-line, integrando diferentes tecnologias midiáticas digitais e assistivas em aulas, dentre as quais destacamos o uso de laboratórios de Informática, aplicativos específicos para telefones móveis (*whatsapps*), *wikis*, aparelhos celulares, *softwares* educativos (a exemplo do *Mathema*, *MatLab*, *Logo*, *Cabri Géomètre*, *Geekie Lab*, *GeoGebra*, editores gráficos, editores de texto, etc.), multimídia, jogos eletrônicos, recursos tecnológicos (computadores, *notbooks*, *tablets*, *laptops*, *smartphones*, *iphones*, *ipads*, *ipods*, etc.) e redes sociais (*orkut*, *instagram*, *stories*, *facebook*, *twitter*, *messenger*, *youtube*, *linkedin*, *e-mails* (correio eletrônico), *chats*, *blogs*, *fotologs*, fóruns de discussão, salas de bate-papo, dentre outras), buscando assim superar o arcaico modelo tradicional de educação (aulas expositivas) e transformar os estudantes em protagonistas do próprio aprendizado, tendo a figura física/presencial do professor em sala de aula como mediador, auxiliador, mentor, assessor, interventor e guia do processo de ensino-aprendizagem. Afinal de contas, corroboramos com Becker (2000) ao postular enfaticamente que não há tecnologias educacionais ou recursos didático-pedagógicos à prova de professor, dado o fato de que o papel educativo deste profissional da educação é indispensável, de modo que nada pode ou deve substituí-lo em sala de aula, seja na escola, no colégio, na faculdade e na universidade.

Afora isto, existem também alguns cursos supletivos de Ensino Fundamental e Médio ofertados, via rede *internet*, a baixo custo, com garantia de diplomação e de qualidade duvidosa (!?), de forma semipresencial ou totalmente a distância a jovens, adultos e idosos no contexto da modalidade de ensino conhecida como Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual tem suas necessidades, especificidades e particularidades próprias; em conformidade com que apregoa a LDBEN nº 9.394/1996 em seus Artigos 37 e 38. (BRASIL, 1996)

Há, outrossim, alguns rumores alusivos a determinados projetos educacionais que estão sendo elaborados em algumas capitais brasileiras (a exemplo de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Curitiba) para que, num futuro bastante próximo (2020), já seja possível ofertar Educação Básica nas modalidades semipresencial e a distância *on-line*. Como exemplo, podemos citar as recentes tentativas de implantação (projetos-piloto ainda em andamento) de cursos pré-vestibulares a serem ofertados pela “Empresa Gerar: Programa Jovem Aprendiz Legal e Estágios” de forma semipresencial nos municípios paranaenses de Curitiba (matriz/sede própria) e Ponta Grossa (sub-sede/filial).

Contudo, com a implantação e implementação intensiva da modalidade de ensino denominada Educação a Distância (EaD), no Brasil, em meados dos anos 2000, a educação escolar formal legitimada, especialmente em nível de Educação Superior, também vem sendo desenvolvida de forma semipresencial (mesclando momentos virtuais com encontros físicos/presenciais entre docentes e discentes) ou totalmente a distância, onde educandos e educadores se comunicam e interagem apenas de maneira virtual, por intermédio de modernos aparatos tecnológicos e eletrônicos, tais como: plataformas digitais (sistema *Moodle*, etc.), *skipe*, videoaulas, teleaulas, videoconferências, teleconferências, *webcams*, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), etc., mediante a utilização de textos digitais (básicos, complementares e suplementares) e/ou livros eletrônicos (*e-books*), dentre outros sofisticados recursos tecnológicos de cunho didático, pedagógico e metodológico destinados aos processos de ensino e de aprendizagem.

Atualmente, na Era Digital, a Telemática, a Cibernética e a Robótica, por exemplo, ganham espaços cada vez mais promissores e de forma bastante veloz. Vive-se, pois, em tempos históricos onde a presencialidade e a virtualidade se mesclam, se combinam, se convulsionam e se fundem de maneira sinérgica e deveras exponencial.

No campo educacional, em específico, mais precisamente no âmbito do Ensino Superior, essa conexão e união umbilical entre o real/presencial e o virtual/digital constituem o que muitos teóricos da Educação e da Informática Educacional denominam *educação híbrida* ou *blended learning* (HORN; STAKER, 2015; MATTAR, 2017), em que o termo híbrido é oriundo da área de Biologia, subárea Genética, designando, grosso modo, “[...] combinação, união, mescla, mistura, junção, conexão, fusão ou cruzamento genético entre duas espécies vegetais ou animais distintos, que geralmente não podem ter descendência devido aos seus genes incompatíveis”. (GOWDAK; MATTOS, 1991, p.302)

Para melhor compreender o que significa algo híbrido, e conseqüentemente hibridismo, faz-se mister esclarecer que:

Animal ou vegetal híbrido são aqueles procriados por duas espécies distintas, mas pertencentes ao mesmo gênero. É o resultado do cruzamento entre duas espécies diferentes, ou entre duas linhagens puras de uma mesma espécie. Este fenômeno foi estudado pela primeira vez em plantas pelo

botânico alemão Joseph Gottlieb Kölreuter (1733-1806), durante o século XVIII, embora existam citações mais antigas sobre esse assunto, tanto em plantas como em animais. Algumas dessas novas espécies ainda são produzidas até hoje através do cruzamento entre espécies, essencialmente para serem usadas como atrações de apresentações em locais turísticos. [...] No intuito de entender de forma mais fácil o que significa *hibridismo*, considere os três exemplos seguintes: 1º) o cruzamento de uma égua com um jumento, que resulta em um burro ou mula, tendo a esterilidade como sua principal característica. Quanto mais afastados geneticamente forem os progenitores, maior é a probabilidade de o híbrido resultante ser estéril. A esterilidade acontece quando ocorrem erros no emparelhamento dos cromossomas durante a meiose; 2º) um ligre, é o resultado do cruzamento de um leão com uma tigresa. Todavia, só existem ligres em cativeiro; e 3º) um automóvel híbrido é aquele que possui um motor de combustão interna, geralmente a gasolina, e um motor elétrico que permite reduzir o esforço do motor de combustão e assim diminuir os consumos e as emissões de gases. Um automóvel híbrido, portanto, é aquele que combina motor a combustão e motor elétrico. Normalmente, o automóvel híbrido polui menos do que os automóveis somente com motor a combustão, mas seus custos são altos se comparados à diferença de emissão de poluentes. O primeiro carro híbrido produzido em série no mundo foi o Toyota Prius. (BOSCHILIA, 2014, p.316)

Em linhas gerais, pode-se dizer, segundo Bueno (1966), que hibridismo é, em termos linguísticos, o processo de formação de palavras por junção de dois ou mais elementos oriundos de línguas originárias diferentes; tal como ocorre com o vocábulo *bígamo* (*bi*, de gênese latina; e *gamo*, de origem grega), por exemplo.

Posto isto, temos então que, no contexto atual da EaD, uma significativa parcela do Ensino Superior brasileiro tem sido desenvolvido de forma híbrida, *blended* (misturada), isto é, ofertando cursos de graduação (bacharelados, licenciaturas e de tecnólogos), de pós-graduação *lato sensu*

(especializações) e de pós-graduação *stricto sensu* (mestrados e doutorados) de modo semipresencial (combinando encontros presenciais em sala de aula com atividades avaliativas e não avaliativas em ambiente virtual) ou integralmente a distância (com interações entre alunos/cursistas, professores formadores, professores conteudistas e professores-tutores de maneira cem por cento *online*). Ainda são raríssimos os casos, no Brasil, em que são ofertados cursos de pós-graduação *stricto sensu*, tais como os de pós-doutorado (PhD) e de livre-docência, apenas em nível de EaD.

A educação escolar e universitária realizada de forma híbrida exige de autoridades governamentais, educadores, professores, pedagogos, educadores, psicopedagogos, neuropsicopedagogos, gestores escolares, coordenadores pedagógicos e demais profissionais da educação em geral um olhar atento e uma análise crítico-reflexiva sobre a sala de aula, os educandos (inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais e que precisam de serviço de atendimento/apoio pedagógico especializado), a formação inicial e continuada de professores, o currículo escolar, a avaliação da aprendizagem escolar, as metodologias de ensino, a didática docente, os planejamentos de ensino, os planos de aulas, o projeto político-pedagógico institucional, a gestão educacional, os recursos didático-pedagógicos, os laboratórios de ensino e aprendizagem, a arquitetura e infraestrutura escolar, os recursos (físicos, humanos, materiais e financeiros/econômicos) disponibilizados, a cultura escolar, a cultura da escola, a organização e o trabalho pedagógico escolar em nível micro, meso e macro.

Nesse sentido, as universidades brasileiras não podem deixar à mercê ou relegar a segundo plano a tríade indissociável de ensino-pesquisa científica-extensão como eixos basilares de seu processo educativo, conforme assevera Santos (2016), haja vista que, de acordo com o Artigo 43, Inciso I, da atual LDBEN/1996, “a Educação Superior tem por finalidade: I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico-investigativo e do pensamento reflexivo”. (BRASIL, 1996)

Dizemos isso, porque na Educação Superior, a Lei supracitada, em seu Artigo 47, Parágrafo 3º, estabelece que “é obrigatória a frequência de alunos e professores, salvo nos programas de Educação a Distância” (BRASIL, 1996), de modo que para esta modalidade de ensino:

Art. 80 – O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância em todos

os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A Educação a Distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de Educação a Distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de Educação a Distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A Educação a Distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.
(BRASIL, 1996)

Sendo assim, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, o ensino e a aprendizagem efetuados em estilo educacional híbrido (educação semipresencial) devem priorizar o desenvolvimento de uma *educação integral* (não necessariamente em tempo integral!!!), entendendo-se esta, segundo Silva e Silva (2013), como uma concepção didático-pedagógica contemporânea e inclusiva, de viés teórico e prático, que compreende que a educação escolar deve garantir o pleno desenvolvimento dos educandos em todas as suas dimensões (intelectual, física, emocional, social, política, afetiva, psicológica, ética, moral, cultural, etc.) e se constituir como projeto educativo coletivo a ser compartilhado por crianças, jovens, adolescentes, idosos, famílias, educadores, professores, gestores escolares, equipe de coordenação pedagógica e comunidades locais, tendo em vista a autonomia, a criticidade, a análise reflexiva, o compromisso, o senso de responsabilidade e o exercício consciente da cidadania pelos alunos em termos de direitos e deveres (civis, políticos e sociais).

Lévy (1999), Bauman (2001), Setzer (2001), Tigre (2009) e Mattar (2011) nos alertam sobre o cuidado que devemos ter para que nos atuais tempos de globalização (ou mundialização), neoliberalismo, egocentrismo, efemeridade, relativismo, individualismo, despolitização, pacifismo consensual, obsolência, caos, desordem, preconceitos, violências, corrupções, Era Digital ou da Informação (terceira onda civilizatória), hipertextos, ciberespaços, ciberculturas, *internetês*, *wifis*, *zaps*, *apps*, *netaulas*, plataformas digitais *on-line* e *off-line*, e tantas outras “parafernálias eletrônicas” similares (BELLEI, 2002), o homem pó-moderno, ou seja, o *homo sapiens sapiens* que tem sido cada vez mais caracterizado como *homo zappiens* (VEEN; VRAKING, 2009), não tenha um total ‘esvaziamento’ de si mesmo em termos ontológicos, vindo a tornar-se uma “tábula rasa” (desprovido de conhecimentos científicos sólidos e crítico-reflexivos – concepção educacional de John Dewey) ou mesmo um *sujeito blip*, isto é, um indivíduo histórico, cultural e político-social:

[...] feito com *fiapos de informação e vivências*, o qual não tem ego estável, nem princípios rígidos. Descontraído, mutante, seu ego flutua conforme os testes das circunstâncias. É um *experimentador*, um *improvisador* por excelência, pondo mais ênfase na prática e na sedução que nas ideias. (SANTOS, 1997, p.103; grifos nossos)

Portanto, numa época histórica em que a desreferencialização do real e a dessubstancialização dos sujeitos parecem ganhar terreno cada vez mais fértil, bem como a ‘pedagogia da sala de aula invertida’ tende a conquistar muitos adeptos (BERGMANN; SAMS, 2016), é preciso que todos estejam atentos, lançando um “olhar panóptico” (concepção filosófica foucaultiana) sobre a realidade existencial objetiva concreta e identificando os “prós” e “contras” da **EDUCAÇÃO HÍBRIDA** no contexto das escolas de Educação Básica e do Ensino Superior, em termos de potencialidades, possibilidades, limitações e desafios, de modo que a mesma não seja um fim em si mesma (BELLONI, 2005; MATTAR, 2011) nem tampouco ocasione um “recuo da teoria científica” (MORAES, 2001), a qual é de fundamental importância para a consolidação da *práxis* educativa e das práticas profissionais e pedagógicas.

Face ao exposto, e sem mais delongas, almejamos sinceramente que este artigo acadêmico-científico possa, de maneira direta ou indireta, contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente acerca da temática em foco, bem como servir de valiosa fonte de estudos (individuais e

coletivos), pesquisas científicas, discussões, debates e análises crítico-reflexivas a todos os profissionais oriundos das áreas de Educação e Informática, tendo em vista redimensionar e ressignificar didática, pedagógica e metodologicamente as suas formas de *pensar-fazer* Educação, tecnologias (instrumentais, intelectuais e educacionais), Mídia Educacional e Educação Tecnológica numa dimensão *didiscente*; em conformidade com o que apregoa Freire (2000) sobre o processo dialético de ensino-e-aprendizagem, onde ensinar e aprender são dois verbos que se conjugam juntos.

Que a EaD, nesse contexto, a qual às vezes parece estar tão longe e ao mesmo tempo tão perto de cada um de nós, não venha a apresentar lacunas, fronteiras e nem barreiras para o aprimoramento da escolarização básica e universitária, uma vez que se mal realizada por gestores escolares, coordenadores pedagógicos, pedagogos, professores, educadores e educandos em geral corre o risco de se configurar simplesmente como um processo de *ensinagem* (ANASTASIOU; ALVES, 2010), e não de ensino e de aprendizado propriamente ditos.

Quiçá que possamos, de fato, lograr êxitos, tendo resultados positivos e satisfatórios!

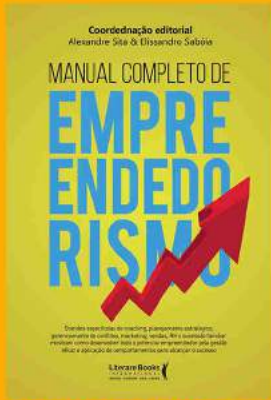
REFERÊNCIAS:

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalhos em sala de aula. 9.ed. Joinville: Editora UNIVILLE, 2010.
- ANTUNES, R. **Crise e poder**. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.11).
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BECKER, F. **A epistemologia do professor**: o cotidiano da escola. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.78).
- BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOSCHILIA, C. **Minimanual compacto de biologia**: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2014.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- BUENO, F. S. **Dicionário filológico do Português**. São Paulo: Saraiva, 1966.
- D'AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999. (Coleção Papirus Educação).
- DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**: quatro ensaios crítico-dialéticos em Filosofia da Educação. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.86).
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

- GARCIA, P. B. Paradigmas em crise e a educação. In: BRANDÃO, Z. (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, p.58-66, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época – v.35).
- GOWDAK, D.; MATTOS, N. S. **Biologia**. v.único. 2.grau. São Paulo: FTD, 1991.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 11.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1998.
- MATTAR, J. **Guia de educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. (Coleção Série Profissional).
- _____. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Editora Artesanato Educacional, 2017.
- MORAES, M. C. M. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Braga: Editora da Universidade do Minho, v.14, n.1, p.7-25, 2001.
- OLIVEIRA, R. **Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- PIENTA, A. C. G. *et al.* Educação, formação profissional docente e os paradigmas da Ciência. In: **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, v.8. n.2, p.93-106, jul./dez., 2005.
- SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos – v.165).
- SANTOS, M. P. Ensino, pesquisa e extensão na universidade brasileira contemporânea: elucidações conceituais e articulações na prática educacional. In: **Revista Científica do Instituto IDEIA**. Rio de Janeiro: Editora do Instituto IDEIA, n.1, p.209-225, abr./set., 2016.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 29.ed. Campinas: Autores Associados, 1995. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.5).
- SETZER, V. W. **Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001. (Coleção Ensaios Transversais).
- SILVA, J. A. A.; SILVA, K. N. P. **Educação integral no Brasil de hoje**. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TIGRE, M. G. E. S. **Violência na escola: reflexões e análise**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2009.
- VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador das áreas de Ciências da Religião e Ciências da Educação. Escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravianista e haicaísta ao estilo oriental). Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. *Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br*

Antonia Pereira dos Santos – Brasileira. Natural do município de Cruz Machado/PR. Exímia educadora por excelência. Defensora militante dos direitos humanos, da ética, da moral e da Educação de qualidade. Profissional autônoma, desenvolvendo suas atividades laborais em Ponta Grossa/PR, cidade na qual reside nos dias atuais. *Endereço eletrônico: antoniap.santos@yahoo.com.br*



**Manual completo de
Empreendedorismo**
Alexandre Sita & Elissandro Sabóia

Acesse



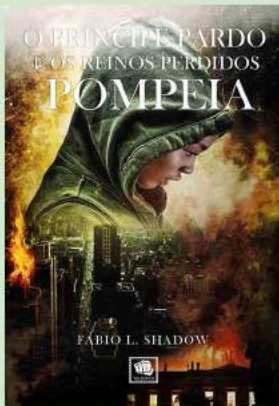
**O Clube de Leitura de Edgar
Allan Poe**
Ademir Pascale

Acesse



Causos Complicados
Charles Burck

Acesse



**O Príncipe Pardo e os Reinos
Perdidos - Pompeia**
Fábio L. Shadow

Acesse



**No útero de Paulo,
o embrião
não nascerá**
Leandro Franz

Acesse



**História da Leitura: do papiro
ao papel digital**
Marcos Antonio Simões

Acesse

*“O mundo é um belo livro, mas é pouco útil a quem não o sabe ler.”
- Carlo Goldoni*

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





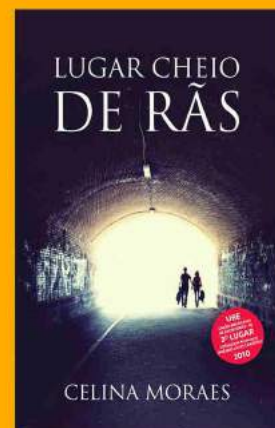
A Mulher Oculta
Fernanda Camillo

[Acesse](#)



Espelho da Vida
Motivação e Poesia
Luciana Leopoldino

[Acesse](#)



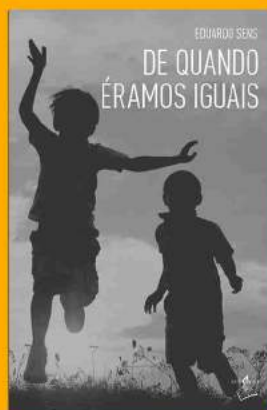
Lugar Cheio de Rãs
Celina Moraes

[Acesse](#)



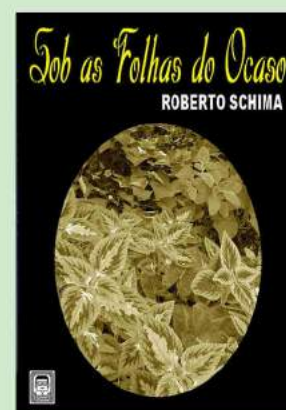
Da Gafe ao Garfo
Edon Pudence

[Acesse](#)



De Quando Éramos Iguais
Eduardo Sens

[Acesse](#)



Sob as Folhas do Ocaso
Roberto Schima

[Acesse](#)

“Ler quer dizer pensar com uma cabeça alheia, em lugar da própria.”
– Arthur Schopenhauer

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



conexão Literatura

Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

Grupo no Face: Os Escritores

www.encantoliterario.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoportunovagao.blogspot.com.br

Grupo no Face: Notícias Literárias

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

www.submersaempalavras.com

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



ENTREVISTA COM

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (Wak, 2014) e autora dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (Wak, 2016), *O enigma da velha casa* (Uirapuru, 2016) e “*Nóis sabe português*” (Wak, 2017). Colunista da revista *Conexão Literatura*.



Por Sérgio Simka

Nesta entrevista, a escritora e professora Cida Simka, uma das organizadoras da antologia *UMA NOITE NO CASTELO: CONTOS MAL-ASSOMBRADOS*, publicada pela Editora Selo Jovem, fala como surgiu a ideia do livro, dá detalhes dos bastidores do evento e discorre sobre o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Entrevista com escritores

Como surgiu a ideia da antologia?

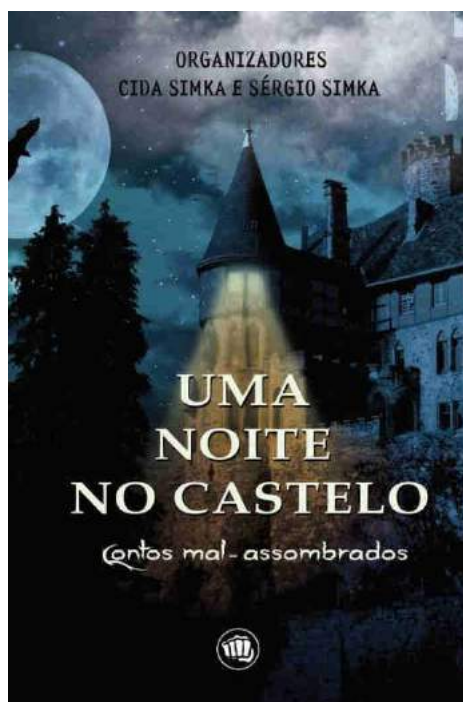
Eu e o prof. Sérgio Simka procurávamos por algo incomum, diferente, para ambientar a primeira antologia do Núcleo de Escritores do Grande ABC. Aí surgiu a ideia de passar a noite no castelo do músico Robson Miguel. Um lugar excêntrico, que proporcionaria ao grupo, além de uma noite agradável, a oportunidade de se inspirar no cenário inusitado para escrever.

E o cenário inspirou histórias inusitadas?

Com certeza. Os contos de terror ambientados e/ou inspirados no castelo trazem histórias peculiares, sinistras, que vão fazer o sangue do leitor congelar. Fogem um pouco do terror sanguinário, uma vez que prevalece o terror psicológico e emocional.

Acha que realizar uma obra assim, com base em experiências de diversas pessoas, faz com que os contos ganhem interesse?

Não resta dúvida, os autores abordaram o tema sob diversas particularidades e pontos de vista muito pessoais, criando situações as mais variadas, apesar do fio condutor ser o castelo, o que conferiu à obra uma diversidade fantástica.



Quantos contos são e quantas pessoas escreveram?

Foram dezenove pessoas que escreveram dezenove contos. O escritor Edmir Camargo também escreveu a apresentação e há ainda contos coletivos, oriundos de uma oficina de escrita criativa realizada na madrugada no dia 15 de abril de

2017, ministrada pelo escritor e jornalista Pedro Dias.

Sobre os autores, como foi feito o convite e a escolha deles?

Dezesseis dos autores são, ou foram na época da materialização do projeto da antologia, membros do Núcleo de Escritores do Grande ABC: Ana Ferreira, Alcidéa Miguel, Aristides Theodoro, Axia Stowe, Cida Simka, Crisley Ladeia, Edmir Camargo, Iracema M. Régis, Júlia Braz, Keli Braz, Leandro Unzueta, Marchezoni-Oliveira, Nairton Pereira, Pedro Dias, Sérgio Simka e Yasmim Ladeia. Para o evento, convidamos a escritora, revisora e consultora literária Ivani Rezende.

O livro conta ainda com textos do Robson Miguel e da jornalista Miriam Gimenes, do jornal Diário do Grande ABC, que acompanhou o evento e escreveu uma reportagem intitulada “Uma noite no castelo”, publicada no caderno de cultura no dia 16 de abril.

Quanto tempo essas pessoas passaram no castelo? Elas ficaram juntas ou isoladas?

O evento foi realizado em 14-15 de abril de 2017. A intenção inicial era que cada um dos escritores escolhesse, após um tour pelo castelo, o espaço que mais servisse de inspiração para seu conto, mas, como os locais pareciam tenebrosos e a noite muito escura sem a iluminação da Lua, todo o mundo acabou ficando no salão nobre do castelo, sob o calor da lareira e o aconchego dos amigos.

O imaginário correu solto? Há alusões para problemas sociais?

O imaginário correu solto, os autores usaram e abusaram da imaginação e criatividade. E o terror psicológico existente em alguns contos são reflexos dos problemas sociais que vivemos no nosso dia a dia. Por exemplo, o conto da Cida Simka, “As várias faces do medo”, toca em problemas pessoais que acabam interferindo nos

sociais. O do Edmir Camargo, “O coletor de maldades”, aborda a questão da violência. O de Júlia Braz, “As vozes que não se calaram”, retrata situações de pessoas que são submetidas a tratamentos psicológicos, porque a sociedade, a família etc., condena o comportamento sem procurar compreender o problema de cada um.

O que mais lhe chamou a atenção nesse projeto?

A diversidade de assuntos abordados pelos autores dentro do tema terror, inspirados no castelo e nas histórias contadas pelo anfitrião, o músico Robson Miguel, a simplicidade dele, que nos recebeu com sua costumeira disposição e atenção, o conhecimento que tinha e que nos transmitiu durante o tour que fizemos por labirintos, calabouços, buracos negros, entre outros. Necessário destacar, igualmente, a união, a dedicação e o entusiasmo de todos os autores antes, durante e depois da noite que passamos no castelo.

O livro pode ser comprado onde e qual o valor?

O livro pode ser comprado no site da Editora Selo Jovem e em sites de diversos pontos de venda, como Submarino, Lojas Americanas, Casas Bahia e Ponto Frio. O valor não chega nem a R\$ 23,00. A obra tem 148 páginas.

<http://www.selojovem.com.br/pd-62fe3e-uma-noite-no-castelo-contos-mal-assombrados.html?ct=449b2&p=1&s=1>

Esse projeto foi realizado em quanto tempo?

Podemos considerar, desde a ideia do projeto até a entrega do livro pela Editora Selo Jovem, um período de aproximadamente 20 meses.

Alguns contos foram escritos e/ou esboçados durante a estada no castelo, mas os autores tiveram um prazo para terminar de escrever e entregar os artigos.

No final de 2018, o original estava pronto e foi encaminhado à editora, pois havíamos nos comprometido a encaminhar os contos a uma editora tradicional, ou seja, que não cobrasse para publicar.

No começo deste ano o livro passou por sucessivas revisões (gramatical, de conteúdo, de prova etc.), até que adquirisse a feição atual. Foi entregue para nós em abril/2019.

Quer dizer algo mais?

O Núcleo de Escritores do Grande ABC se reúne quinzenalmente para ler, escrever e elaborar projetos que envolvam não só os nossos trabalhos coletivos, mas também pensar em atividades que objetivam formar leitores, condição essencial para que os

nossos livros e de outros autores sejam lidos. Mais que isso, formar cidadãos críticos, que possam contribuir para a sua transformação pessoal, intelectual, social e pessoal e, ainda, contribuir para a construção de uma nação forte, independente e justa.

Nossos projetos visam, igualmente, despertar o gosto e prazer pela escrita, outro requisito fundamental para a formação de um ser humano único e merecedor de respeito.

Para que nossos projetos coletivos deem resultados positivos necessitamos trabalhar em parceria com escolas, comunidades, órgãos públicos e estabelecimentos privados.

Nossas reuniões nos auxiliam, igualmente, no crescimento pessoal de cada integrante, pois fazemos a leitura de nossos textos, participamos de lançamentos, de oficinas etc. E podemos dizer que já estamos pensando na ambiência da próxima antologia: talvez em um sebo, ou em um cemitério em Santo André ou em Joanópolis, a cidade do lobisomem. rs

Para despertar mais o interesse dos leitores, seguem alguns trechos dos contos.

“Sentei-me no chão ao lado de um vaso de barro, apoiei minha prancheta na perna e comecei a dar vida ao conto, ou seria morte, já que se tratava de um conto de terror? Escrevi algumas linhas e descansei o lápis no vaso de barro, quando alguém me ofereceu uma xícara de café. [...] A moça encostou-se à parede, abraçou as pernas e seu braço gelado tocou o meu.”

(O conto de Walquíria, de Crisley Ladeia)

“A viela do castelo não era necessariamente o caminho por onde as pessoas gostavam de passar. Não gostavam, mas era o acesso mais fácil para quem queria cortar caminho da estrada para a cidade e da cidade para uma pequena vila com meia dúzia de ruas.

Ora, o que seria um castelo senão uma obra suntuosa que lembra Império ou períodos medievais? Não aquele castelo.”

(O castelo de Alma, de Ana Ferreira)



ORGANIZADORES

Cida Simka

(Maria Aparecida Silva Simka)

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (Wak, 2014) e autora dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (Wak, 2016), *O enigma da velha casa* (Uirapuru, 2016) e “*Nóis sabe português*” (Wak, 2017). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

Sérgio Simka

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e colunista da revista *Conexão Literatura*.

Sérgio Simka é professor universitário desde 1999. Autor de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a *Série Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Organizador dos livros *Uma noite no castelo* (Selo Jovem, 2019) e *Contos para um mundo melhor* (Xeque-Matte, 2019). Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

TAMARA JONG

Caçada Cósmica

— José M. S. Freire —



Novas e incríveis aventuras aguardam por você no quarto e-book da saga Tamara Jong - Caçada Cósmica, do autor José M. S. Freire.



PARA ADQUIRIR O E-BOOK
— CLIQUE AQUI —

ENTREVISTA COM

FERNANDA CAMILLO

Escritora graduada pela Universidade de São Paulo e Pós-Graduada em escrita e pelo Instituto Vera Cruz e Psicanalista pelo IBLCP também em São Paulo. Autora de diversos contos, em 2005 publicou o livro de poemas “Além do Olhar” e “A Mulher Oculta” foi seu primeiro romance.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fernanda Camillo: Escrevo há muito tempo, mas até certo ponto de minha trajetória a escrita era algo íntimo que eu fazia por prazer. Em 2005 as coisas começaram a mudar quando resolvi lançar um livro com poemas que estavam guardados, desde então passei a publicar em coletâneas de contos e ensaios com diferentes editoras. O romance veio em 2016 quando iniciei uma pós-graduação em escrita. Eu já tinha o desejo de encarar essa escrita longa, mas achava que não estava apta para isso, o curso me ajudou muito.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “A Mulher Oculta”. Poderia comentar?

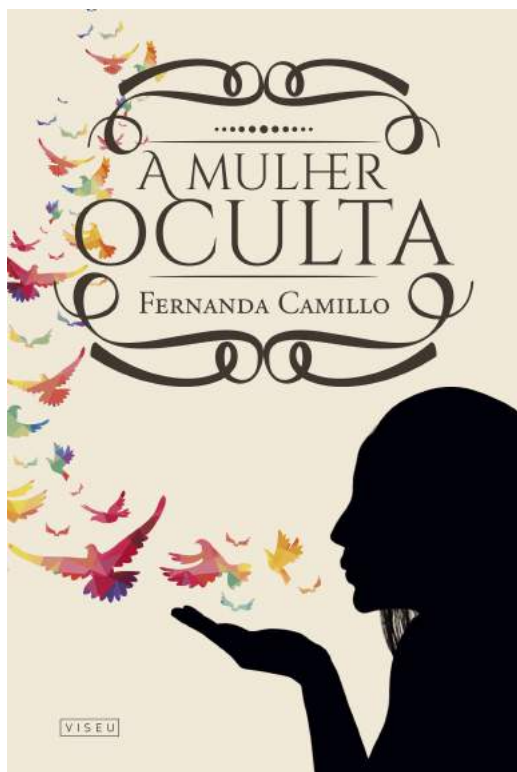
Fernanda Camillo: Estudo e observo as mulheres desde sempre. Principalmente as transformações ao longo do tempo do papel da mulher na família e na sociedade. Eu desejava falar sobre uma mulher madura, trazer seus questionamentos à tona, sua necessidade de expressar uma parte de si que, apesar da idade cronológica, ainda

estava intacta e não suportava mais viver uma vida acomodada em valores ultrapassados.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fernanda Camillo:

Existem muitos estudos em psicologia que trazem questões do feminino perante o patriarcado. As pesquisas foram em torno desses estudos e na compreensão da natureza da mulher, sua psique instintiva profunda.



Conexão Literatura:
Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Fernanda Camillo:
Sim, claro! Gosto muito desse trecho quando a personagem Lara conversa com uma amiga e começa a compreender o que está acontecendo com ela:

“Ouvir a opinião de alguém que me conhecia a tanto tempo, uma mulher de idade semelhante à minha, que viveu os mesmos valores de uma época em que mulheres eram classificadas como boas ou más para casar, me ajudou a compreender melhor a opressão de todas nós. Segui o caminho que me mostraram, o que parecia mais correto e incorporei à minha vida como se fosse meu. A maioria de nós agiu assim e nos tornamos esposas e mães-padrão, reprimindo desejos, sonhos e criatividade. Aos poucos as coisas estavam clareando e parecia que eu despertava de um transe.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fernanda Camillo: O livro está à venda na Amazon Brasil. Segue o link:
https://www.amazon.com.br/dp/B07HQT9DCG/ref=cm_sw_r_wa_awdo_t1_jS2qCbB15D9BV

E também no site da editora Viseu:
<https://www.eviseu.com/pt/livros/329/a-mulher-oculta>
Tenho também o Instagram @desafiosdeescritora e Wattpad @nandacamillo

Conexão Literatura:
Existem novos projetos em pauta?

Fernanda Camillo: Sim! Estou escrevendo o segundo romance que deve ser lançado no começo de 2020.

Perguntas rápidas:
Um livro: “Mulheres que correm com os Lobos”
Um (a) autor (a): Clarice Lispector
Um ator ou atriz: Kate Winslet
Um filme: Foi apenas um sonho
Um dia especial: O dia em que me dei conta que encontrei na escrita a parte que faltava.

Conexão Literatura:
Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fernanda Camillo: A publicação do romance “A Mulher Oculta” representa a construção de uma carreira que se iniciou há 15 anos. Ao longo desse tempo fui investindo também em estudos como a pós-graduação em escrita e a formação em psicanálise. A escrita é a forma como expresso minha criatividade.

Foi um grande prazer conversar com vocês. Aos leitores deixo um grande beijo, espero que gostem de meu livro e

os mantereirei sempre atualizados sobre novos projetos publicados.



ENTREVISTA COM

— ROSÂNGELA VIEIRA ROCHA —



Por Ademir Pascale

Nasceu em Inhapim, MG, e mora em Brasília desde 1968. É jornalista, advogada, Mestre em Comunicação, escritora e professora aposentada da Faculdade de Comunicação da UnB. Tem treze livros publicados, seis para adultos e sete infantojuvenis. Obteve vários prêmios literários nacionais e regionais. Acaba de publicar seu 5º romance, Nenhum espelho reflete seu rosto, Arribaçã Editora, PB. Participou de várias antologias de contos, na qual se destaca “Mais trinta mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira”, org. por Luiz Ruffato, ed. Record. Colabora nas revistas culturais e literárias digitais Flor de Dendê e Germina. Ministra oficinas e palestras.

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rosângela Vieira Rocha: Sempre escrevi muito, desde menina, e fiz o curso de graduação em Comunicação, opção Jornalismo, por achar que era o mais indicado para quem gostava de escrever. Depois vi que não era bem assim, eu gostava mesmo era de escrever ficção. No início dos anos oitenta, escrevi uma novela intitulada Rio das Pedras, e logo em seguida um romance, Véspera de

Lua. Como este último obteve o Prêmio Nacional de Literatura Editora UFMG 1988, bastante significativo na época, foi o primeiro a ser publicado. Recebeu uma crítica muito boa e trata de um tema muito avançado para aquele



tempo, quando nem existia a sigla TPM: menstruação e homossexualidade feminina. Esgotado, foi relançado em 2017, pela editora Penalux. Nos anos noventa praticamente não escrevi ficção, envolvida em outras lutas. Enquanto isso, os originais de Rio das Pedras continuavam na gaveta. Em 2001 o livro ganhou a Bolsa Brasília de Produção Literária, concurso promovido pela Secretaria de Cultura do DF, e só então foi publicado, vinte anos depois. De lá para cá não parei mais, escrevi sete livros infantojuvenis, um livro de contos para o público adulto intitulado Pupilas Ovais, publicado em 2005, e mais três romances, Fome de Rosas (2009), O indizível sentido do amor (2017) e Nenhum espelho reflete seu rosto, o meu 5º romance, recém-publicado.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Nenhum espelho reflete seu rosto” (Editora Arribaça). Poderia comentar?

Rosângela Vieira Rocha: O romance gira em torno de relações amorosas abusivas e tóxicas, iniciadas e que se desenvolvem no ambiente virtual, mais precisamente nas

redes sociais. Denuncia questões como o anonimato nas redes e como elas são propícias à impunidade dos abusadores.

Helen, a personagem principal, que narra a história, é dona de uma joalheria. O enredo se revela através de um engenhoso recurso: um psiquiatra de uma cidade distante, que atende uma mulher internada em estado grave, vê na joalheira sua última possibilidade de ajuda à paciente que não responde ao tratamento. Convida-a para dividir, com ele, sua história vivida com Ivan, na expectativa de que, através dos detalhes, possa acessar sua paciente e retirá-la de seu torpor. É nas mensagens que envia a ele que Helen reviverá sua relação com Ivan e seu turbilhão de sentimentos e emoções. Através de e-mails, o leitor vai tomando conhecimento do jogo de sedução de Ivan, iniciado virtualmente, das expectativas criadas por

Helen e do desenlace que só não chega a ser trágico porque o enredo toma outro rumo, condizente com a mulher forte que é Helen. Há dados reais no livro que mostram o quanto o narcisismo perverso, mais comum em homens do que mulheres, está de certa maneira aliado ao machismo.

Junia de Vilhena, psicanalista e professora da PUC/RJ, autora do consistente prefácio da obra, assim o encerra: “O interesse de Freud por literatura e pela arte em geral revela a riqueza das interseções com as descobertas sobre o inconsciente. O texto de Rosângela Vieira Rocha busca uma outra aproximação. É através da teoria psicanalítica que a personagem Helen vai procurar um sentido para o que viveu, numa tentativa de elaboração de suas angústias, criando, dessa maneira, uma outra narrativa para o que lhe parece incompreensível”.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Rosângela Vieira Rocha: A pesquisa e a escritura do livro foram feitas quase que concomitantemente. Fiquei meio obcecada pelo tema, que acho fascinante, e pesquisei durante noites a fio, madrugada adentro. Assisti a dezenas de vídeos de depoimentos e entrevistas, mas depois vi que tinha de me aprofundar mais, pela complexidade do tema, e li vários livros de psicanálise, além de obras sobre joalheria e gemologia. Foi uma pesquisa muito intensa e extensa. Levei um ano entre pesquisa e escrita. Dediquei-me exclusivamente ao livro durante todo o ano de 2018.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Rosângela Vieira Rocha:

Dias depois, ao acessar a rede, deparei-me com uma enorme e majestosa foto de Ivan, que eu nunca tinha

visto, em que ele aparecia da cintura para cima, o rosto meio de lado, em frente a um espelho. Ele havia trocado a sua foto de capa por outra, tirada uns quinze anos antes, quando nem existia o selfie. Fiquei chocada com a imagem, que me causou grande mal-estar. Arrepiei-me diante do que me pareceu uma força maléfica. Foi como se Narciso tivesse saído dos livros de mitologia e invadido a minha vida, a minha casa, o meu computador, a minha alma. Não o Narciso jovem e belo das ilustrações, indefeso diante de sua maldição, mas um Narciso degenerado, velho, sujo, agressivo na sua declaração de que ninguém no mundo lhe importava de fato, jogando o seu ódio, a sua solidão, a sua indiferença, o seu enfado e a sua desnecessidade na cara dos outros, insolente, obcecado por sua imagem asquerosa, e posando com o queixo bem levantado, os lábios

desdenhosos e os olhos baços, vazios. A visão transportou-me também, de alguma maneira, ao retrato de Dorian Gray. Desaparecera o Dr. Henry Jekyll, dando lugar agora ao diabólico Edward Hyde.

Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

Rosângela Vieira Rocha: Que esteja preparado para remar contra a maré. Fazer literatura nesse país não é fácil. Em décadas anteriores, era difícil encontrar editoras. Hoje, com a proliferação das editoras alternativas, esse não é mais o principal problema. A dificuldade maior é divulgar o trabalho, e sobretudo distribuí-lo. São várias etapas, algumas meio complicadas. É necessário ter persistência, arregaçar as mangas sem medo e acreditar no próprio talento, mesmo em meio às adversidades do processo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rosângela Vieira Rocha: estou no facebook, <https://www.facebook.com/rosangela.vieirarocha> e meu endereço de e-mail é rosavi@uol.com.br O livro pode ser adquirido diretamente comigo ou no site da editora: www.arribacaeditora.com.br. O exemplar custa R\$60,00 (frete incluído).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rosângela Vieira Rocha: Sim. Estou com uma ideia para um romance, que não me sai da cabeça. Mas por enquanto não passa de uma sementinha. Aliás, é assim que os projetos surgem. Descobri que a narrativa longa é

a que mais me atrai. Eu me sinto mais à vontade escrevendo romances.

Perguntas rápidas:

Um livro: Orgulho e preconceito

Um (a) autor (a): Jane Austen

Um ator ou atriz:

Michael Caine

Um filme: Um dia muito especial, de Ettore Scola

Um dia especial: o do meu casamento.

Conexão Literatura:

Deseja encerrar com mais algum comentário?

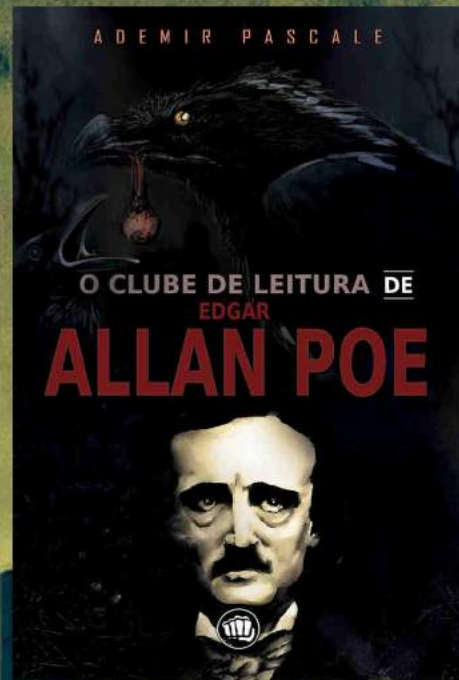
Rosângela Vieira Rocha: Gostaria de agradecer à equipe da Revista Conexão Literatura pela oportunidade de divulgar o meu trabalho literário. Como professora de jornalismo e como entrevistada, achei as perguntas benfeitas, por sua concisão e acurácia.

O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



www.selojovem.com.br
www.edgarallanpoe.com.br



O TROVÃO E AS ONDAS

por Roberto Schima

Conto

Os adolescentes sentaram-se na tábua que fazia a beirada para o mar, pés balançando, olhares perdidos nas águas sem fim. Estavam na idade em que se era jovem demais para namorar, e, entretanto, tarde demais para serem crianças.

O garoto olhou por cima do ombro.

— É agora — murmurou.

A garota mordeu o lábio inferior, nervosa.

— Vão pegar a gente!

— Não vão não. Estamos de costas para eles. Não conseguirão ver.

— Se pegarem, estamos perdidos.

Ele fitou-a nos olhos.

— Quer desistir?

Por um segundo, um segundinho só, ela esteve tentada a dizer que sim. Mas a cabeça morena acenou um não. Sorriu. Um brilho matreiro de cumplicidade cintilou em seu olhar.

O garoto, então, retirou um canivete do bolso. Ganhara-o do pai recentemente. Era antigo, cabo de osso, ponta quebrada. Observou novamente por trás dos ombros. Disfarçou, como se estivesse coçando uma picada de pernilongo inexistente.

Os pescadores cuidavam da vida e nada perceberam. Tampouco estavam interessados em dois adolescentes que não tinham nada melhor a fazer além de ficarem perigosamente na beirada do trapiche. Se os pais não estavam lá para

tomar conta, eles é que não se dariam ao trabalho de fazê-lo.

Então, o garoto principiou a entalhar na madeira, cuidadosamente, atento para não se cortar.

Levou uns bons minutos.

— Pronto! — disse triunfante.

Limpou a sujeira, jogando as lasquinhas de madeira no mar.

Ela admirou o entalhe. Tornou a sorrir-lhe, dessa vez, de um modo diferente, mais profundo, estranho.

Ele sentiu-se corar e não soube dizer exatamente o porquê.

Foi, então, que escutaram o grito:

— Ei, crianças, saiam daí! É perigoso.

Sobressaltaram-se e, por pouco, não caíram de fato. Viraram.

Era um dos pescadores que, de longe, acenava para eles. Um que se importava. Não fosse por isso, não se distinguiria dos outros em seu aspecto: magro, amorenado de sol, chapéu de palha e roupas surradas.

— Saiam daí! — insistiu.

O garoto guardou depressa o canivete no bolso e, levantando-se, falou para ela:

— Vamos, Tina, vamos, senão a gente se atrasa na escola.

— E descubrem o que fizemos — completou ela, piscando.

E lá se foram, correndo através do piso de tábuas, sob o radioso sol de verão.

Jovens demais para pensar em namoro, entretanto, prontos para amar.

O pescador balançou a cabeça.

Resmungou:

— Crianças!

Toda manhãzinha, cerca de uma ou duas horas antes do Sol toldar a linha do horizonte de rubro, ela aparecia. A mulher dirigia-se até o velho trapiche e, em pé sob uma lâmpada fraca e solitária, punha-se a esperar. Não parecia importar-se com o frio da madrugada, embora a maneira como seus braços frágeis abraçavam o próprio corpo o desmentisse. Usava um pulover gasto e desfiado sobre o vestido de chita, este esvoaçava. A friagem subia-lhe pelas canelas como uma chama num rastilho de pólvora. E ela tremia. Tremia e aguardava. Aguardava e chamava:

— Genaro!... Genaro!...

Genarooo!

Sua voz era rouca e dolorida, arrastando uma vã esperança num fiapo de delírio.

A princípio, os velhos pescadores sentiam pena.

— Coitada...

— Coisas do mar.

— Levou tanta gente boa!

— Nem fale: o Piaba, o Zé Chulé, o Marcão...

— Não se esqueça do Zarioio.

— Verdade. Mas esse o mar não levou: deixou-se levar.

— Eu sei, mas dá na mesma...

Saíam cedo de seus casebres para a lida. Chegavam no trapiche às escuras, num arrastar de areia e, procurando fazer o menor ruído possível, preparavam os apetrechos para mais um dia de luta. Todos tinham a tez tostada de sol. Contudo, conforme as manhãs passaram e àquela cena da mulher repetia-se dia após dia, semana após semana, habituaram-se a vê-la como se ela fosse mais uma peça no atracadouro e, assim, a piedade gradualmente cedera lugar à

indiferença, quando não ao nervosismo e superstição dos mais tolos.

Exceto por ele.

— Mexa-se logo, Tibério —
cutucou o outro velho ao seu lado. — Os peixe num ispera.

— Já tô indo, Tonho —
murmurou, entre uma tragada e outra de seu cigarro de palha de milho.

A fumaça dispersava-se depressa na escuridão.

O companheiro, Tonho, alternou a vista do amigo para o vulto da jovem, sentiu um calafrio, deu e ombros e seguiu caminho apressado, fazendo o sinal da cruz.

Mulher no trapiche dava tanto azar quanto a bordo de um barco.

"Viúva, intão, piorô... Credo Cruz!"

Do jeito que ela gritava, espantava até alma penada.

Mas ninguém tivera coragem de expulsar Santina de lá.

— Genarooo!...

Seu Tibério, rosto tão gasto e vincado de rugas quanto as tábuas do trapiche, observava àquela figura solitária perto da beirada. Compreendia a dor e o vazio que a perda deixava na alma sem outra forma de preenchê-los senão pelo açoite do vento e a enormidade do oceano mais a frente. E o pedir e o implorar, para que o mar devolvesse, que trouxesse de volta das profundezas escuras, onde o frio é eterno; e o silêncio, quase absoluto. Sim, ele sabia. E compreendia nos ecos em seu peito. Mas também sabia que o seu próprio filho, Arnaldo, jamais retornaria. Perdera-se no ano anterior, todavia, sempre dava a impressão de ter sido ontem, sempre ontem.

— O mar nos dá muito, mas é capaz de tomar tudo — murmurou entre os dentes.

Ao contrário de D. Santina, Seu Tibério, calejado e curtido pelas vicissitudes de uma vida inteira no mar, conformara-se logo. A dor nunca passava, contudo, não adiantava choramingar. Estava feito. A vida seguia em frente e precisava continuar a trazer o peixe para ser vendido na feira e nos mercados. Mais ainda agora, sem o par de braços jovens, fortes e vigorosos do filho para auxiliá-lo.

— É capaz de tomar tudo — repetiu, soltando uma cusparada espessa na água.

O oceano sempre fora o seu lar, seu amigo.

Até Arnaldo, certa noite, bêbado feito o idiota que era, tropeçar no cordame, cair nas águas e desaparecer para nunca mais retornar.

Então, para Seu Tibério, o mar tornara-se apenas o ganha-pão, o lugar sinistro de onde arrancava os peixes e, em troca, oferecia o recheio de seu próprio intestino e bexiga. E os cuspes.

Toda a alegria de menino a mergulhar do vai-e-vem das ondas deixara de existir.

Toda a vitalidade e prazer que sentia no balanço da embarcação fora-se.

Tornara-se somente um trabalho.

Sem tempero.

Sem gosto.

Nada mais.

Em meio a escuridão de um céu sem estrelas, as águas batiam monótonas nas colunas do trapiche.

O som vinha nítido e alto naquele final de madrugada.

O vento frio e úmido soprava da terra para o mar. Todavia, às vezes, a

direção mudava. Então, Seu Tibério sentia. Inspirou fundo.

— Vem outra tempestade por aí — disse para si. — E das boas.

A anterior, três semanas atrás, levava Genaro depois que uma onda imensa varrera o convés de ré. Fora uma das maiores tormentas que os pescadores já ouviram falar. Rasgada por inúmeros relâmpagos como se anjos e demônios lutassem no céu. Os vagalhões, de tão sucessivos e encrespados, adquiriram a tonalidade de um branco fantasmagórico, em meio à espuma e neblina por eles formados. E os vendavais rugiam e rugiam a toda voz, gritando feito um coral do inferno, encobertos de quando em vez pelo brado dos trovões. O barco agitara-se feito um touro no rodeio, completamente a mercê da fúria do mar. Mais de uma vez dera a impressão de que seria partido em dois. Só por um milagre de Deus não emborcara.

Quando finalmente conseguiu retornar ao cais — capenga feito um velho manco —, todos foram em procissão até a igreja para agradecer a boa sorte e a graça do Espírito Santo.

Todos, exceto D. Santana, até então católica devota. A jovem perdera a fé no instante em que o marido deixara de descer do barco. Para ela, os milagres deixaram de existir.

E gritara e gritara na beirada do trapiche, no mesmo lugar onde, agora, encontrava-se:

— Genarooo! Genarooo!
Genarooo!

Rasgara suas vestes. Quisera pular para o mar. Olhar desvairado de quem

perdera o juízo. Teve de ser arrastada a força e tratada durante dias por uma tia.

Repetira o nome do pescador vezes sem conta até sua voz tornar-se rouca, gutural, a ponto de alguém de imaginação fértil compará-la aos trovões da tempestade. Então, em um misto de temor e irritação, chamara-a de Santana Trovão. Era cruel, mas mediante os gritos contínuos e desesperados, a ponto de transformar o dó e a tristeza em impaciência e exasperação, o apelido — a boca pequena — pegara. E, para contrabalançar, fizeram o cúmulo de inventar um apelido também para o falecido, que passara a ser o Genaro das Ondas.

Ao saber disso, o pároco da igreja passara um sermão daqueles.

— Arrependei-vos! — pregara a plenos pulmões.

Porém, não houvera maneira de descobrir o responsável, nem mesmo no confessional.

Santina Trovão.

Genaro das Ondas.

O Trovão e as Ondas.

Suspeitava-se seriamente que esse alguém seria uma das carolas solteironas da vila, de sensibilidade tão pequena quanto grande e afiada era a sua língua nem um pouco abençoada. Era invejosa da, até então, felicidade dos dois jovens recém-casados, a quem empinava o enorme nariz em fingido desdém. Infelizmente, a vida era assim, tal qual dizia-se na região: "Tem gente que é tão infeliz, mas tão infeliz, que só se sente bem vendo ou fazendo a infelicidade dos outros". Não havia como provar. E bem poderia ser somente uma intermediária de mexericos alheios.

O clérigo desistira, sabendo que, não obstante a sua ignorância, nada era invisível aos olhos de Deus.

Finalmente, Seu Tibério ergueu o corpo magro, ignorando a dor nas juntas. Deu uma última tragada no que restava de seu cigarro e atirou a bituca para as águas escuras. Lançou um último olhar apiedado à infeliz e foi para o barco enfrentar o mar. O que mais lhe restara na vida para fazer?

D. Santina prosseguiu a chamar e a gritar até os primeiros raios de sol despontarem na linha do horizonte, voz quase sumida na garganta dolorida. Então, como se a luz a afugentasse, ela retornou que nem um zumbi para a escuridão de seu barraco.

O "Virgem das Águas", barco de Seu Tibério e Tonho, deveria retornar somente no dia seguinte, entretanto, devido a proximidade da tempestade — confirmada através do rádio — bem como da pesca mal sucedida, retornou no início de tarde.

— Male, male pagará o combustível — resmungou o capitão do barco, homem obeso e rude, sempre de barba por fazer. Tendia a exagerar seus queixumes para, assim, pagar o menos possível a seus homens. — Male, male...

Tonho fez uma careta para o companheiro.

— Ai, ai... Já iscutei essa ladainha antes, Tibério.

— Nem fale, Tonho, não me lo diga...

— Sorte du Mané ter se aposentado.

Seu Tibério discordou.

— Sorte nada: inteligência, meu velho. Ele fez o certo. Nós é que metemos os pés pelas mãos.

Ambos sempre foram contra a pagar a Previdência, achando que isso só iria encher os bolsos dos políticos corruptos. Já poderiam ter se afastado do serviço havia anos.

— Qui seja! Ao menos ele mi vendeu a bicicleta bem barato.

— Uma boa casa, uma boa esposa, aposentado, o filho na Marinha. Mané fez tudo certo.

— "Nem mi lo diga" — remedou o outro, lembrando-se de Arnaldo, o filho bebum do amigo. — Os pés pelas mãos e um bucado de azar.

Cada qual retornou para o seu casebre.

Tostados, moídos, suados, roupas remendadas e bolsos quase vazios.

O barraco de Seu Tibério ficava pertinho do trapiche, quase defronte deste na verdade. Desde que o filho perecera, ele morava sozinho. A mulher abandonara-o, culpando-o pelo ocorrido. Não havia muito o que comer e nem ele precisava de muito. Ficou no beiral da janela, vendo a noite chegar, mais um cigarro de palha entre os dedos.

Coqueiros farfalharam.

Sentiu o odor frio do vento.

"Tempestade. E das brabas."

O velho pescador despertou de madrugada. Não soube dizer se foi por causa dos pesadelos, dos trovões ou do vendaval fazendo tremer seu telhado. Provavelmente, tudo junto. Num ímpeto,

saltou de sua rede e correu em direção à janela. Foi imediatamente atingido pela chuva, pelo frio e pelo vento.

— Mãe de Deus!

Ficou ensopado e isso despertou-o completamente. Piscou e olhou para fora.

A tormenta viera com tudo e castigava o vilarejo.

Árvores agitavam-se em desespero.

Latas e tambores chacoalhavam.

O aguaceiro desabava do céu.

Relâmpagos pipocavam.

A fiação balançava.

As ondas batiam no costado dos navios, erguendo plumas esbranquiçadas. As embarcações moviam-se num vai-e-vem perigosamente, ameaçando chocarem-se contra os atracadouros e entre si.

Nem almas vivas ou mortas ousavam sair.

Tudo estava deserto naquele cenário de horror.

Seu Tibério espremeu a vista, limpando-a da chuva insistente.

A incredulidade tomou conta de seu semblante.

Tudo estava deserto...

... Quase tudo.

— Mas o quê em nome de...

Lá fora, em meio a intempérie, na borda do trapiche, estava ela.

A silueta pequenina no vestido branco.

Cabelos soltos colados às costas.

A jovem e bela viúva.

Dona Santina.

Era uma figura fantasmagórica sob a luz vacilante do poste, cuja lâmpada estremecia. De braços erguidos, ela parecia gritar feito demente para a tempestade, mas seus gritos não podiam

ser ouvidos devido a força das vagas, o vento ruidoso e o ribombar dos trovões. Era a loucura personificada, a insanidade em forma de mulher.

E ria.

E pulava.

E pranteava.

Sempre a chamar e chamar:

— Genaroooo!... Genaroooo!...

Genaroooo!

Da tempestade não havia candura.

Daqueles olhos, o marejar da loucura.

Era estar diante de uma feiticeira em pleno sabá ao redor do caldeirão.

E, sobre o piso de tábuas molhadas do trapiche, a qualquer instante, a tresloucada criatura perigava tombar e cair no mar a exemplo do falecido marido. Isso se um relâmpago não a fulminasse.

— Dona Santina! — gritou Seu Tibério tão inutilmente quanto os apelos da jovem para o oceano bravio. — Sai daí, sua doida varrida!

A mãe de todos os pesadelos libertara-se de seus grilhões.

Assim, a tempestade prosseguiu sem descanso.

Areia, oceano, relâmpagos, vendaval.

Terra, água, fogo e ar.

A ira dos elementos.

Desesperado, o pescador correu para a porta do seu barraco, completamente esquecido da janela entreaberta e, agora, subitamente escancarada.

A chuva e o vento castigaram o interior do casebre. A tempestade fez visita, espalhando e estilhaçando tudo

aquilo que podia, o que não era muito a bem da verdade.

A porta abriu num estrondo.
Mais coisas espatifaram pelo chão.
Seu Tibério, homem rijo e magro,
foi atirado para trás. O vento estava tão forte que o pescador teve dificuldade em caminhar contra ele. Respirar tornou-se difícil. Seu pensamento era um só:

— Dona San-Santina! —
gaguejou.

Isso não podia acontecer, de novo não! Não diante das vistas dele. Já perdera o filho para o mar e, embora não tivesse a amizade da mulher, conhecendo-a apenas enquanto freguesa na feira, e, de vez em quando, na missa dominical — quando dava e quando resolvia ir —, não lhe suportava a idéia de presenciar mais uma morte para o oceano que se tornara o seu algoz. A perda por ela sofrida também criara um tipo de vínculo, algo em comum que Seu Tibério podia entender.

Arrastou-se para fora do casebre. Percebeu num rabo de olho que a parede estava um tanto inclinada. Mais um pouco, levaria sua morada para longe, como se não bastasse tudo o quanto já lhe havia sido tomado. Deu alguns passos em direção ao trapiche, meio cego pela chuva, o vendaval e a fraca iluminação. Houve um estrondo, contudo, tão atento estava Seu Tibério à mulher que não se deu conta: o telhado de seu casebre foi embora. Panos, papéis e copos descartáveis esvoaçaram. Ironicamente, as paredes, embora frouxas, continuaram de pé.

E a mulher agitava e agitava seus braços, saltitando e saltitando nas tábuas molhadas. Por trás dela, as vagas chocavam-se fortes, fazendo erguer uma

cortina d'água que alcançava o dobro ou o triplo de sua altura.

— Firme, Tibério — dizia o velho para si próprio, incapaz de escutar sua própria voz. — Firme!

Avançou lentamente, Tateando, agarrando-se a troncos de árvores, cercas e muretas.

Atravessou a viela feito um ébrio, sem ter nada em que se segurar ou apoiar. A ventania esbofeteava-lhe o rosto sem clemência. Fios de água escorriam-lhe pelos cabelos e das roupas onde nada mais havia que não estivesse encharcado. Seu corpo esfriava rapidamente.

Custou-lhe um bocado até, finalmente, alcançar o início do trapiche.

Era como duelar contra o Oceano, porém, em terra firme.

— Tempestade desgraçada! —
vociferou para as alturas.

De repente, sob a fraca luz da lâmpada, Seu Tibério viu.

Surgiu ameaçador, vindo do mar aberto, feito um monstro moldado pela tormenta.

O vagalhão.

Engoliu em seco.

— Dona Santina!

E o paredão de água avançou, avançou e avançou.

— DONA SANTINAAA!!!

De repente, o que ele mais temia que ocorresse à viúva aconteceu consigo: ele próprio escorregou nas tábuas molhadas. Bateu o queixo no chão e isso o nocauteou. Antes, porém, enquanto caía, viu a mulher ser tragada pelas águas e, sem ter arregalado completamente os olhos, acabou desacordado.

Acordou no hospital.

Tonho estava sentado perto dele, jeito de quem mal dormira.

— Pregou um susto lascado! — foi logo dizendo.

— O que houve?

— Eu qui prigunto. — Bocejou.

— Logo, os polícia vem aí.

Seu Tibério sentia-se fraco. Tinha uma agulha espetada na veia de onde o soro estava-lhe sendo injetado. Procurou reorganizar os pensamentos.

— A polícia?

— Foi um temporal ferrado! Sua casa já era, mas eu os outro daremos um jeito. O que ocê fazia do lado de fora?

Então, surgiu a imagem da chuvarada, os coqueirais açoitados pela tormenta, a lâmpada a vibrar no alto do poste... o trapiche.

Ele não pudera impedir.

Ocorrera novamente.

Mais uma perda.

— A viúva. Tentei salvar a viúva.

— A maluca? — sem perceber,

Tonho tornou a fazer o sinal da cruz. — Ela tava di novo no trapiche, naquele tempo?

Seu Tibério confirmou num movimento de cabeça.

— Tentei alcançar, mas escorreguei. O mar... O mar...

— Só podia dar nisso, meu velho. Fazê o quê? Ela tanto quis qui conseguiu.

— Conseguiu?

— Tá junto dele, ora! Do tar Genaru...

Seu Tibério ficou cabisbaixo.

Sentia-se arrasado. O corpo todo doía. O maxilar mais do que tudo.

— Sim, agora, ela está ao lado do marido... O Trovão e as Ondas.

De repente, uma sombra fechou o semblante do pescador.

Tonho percebeu.

— Qui foi, homem? — quis saber. — Ocê ficou pasmo! Tá bem?

— Nada não, Tonho, só o cansaço, só o cansaço...

Como Seu Tibério poderia dizer ao amigo? Como poderia contar a quem quer que fosse? A polícia? De jeito nenhum! Eles iriam saber tanto quanto Tonho acabara de deduzir: o mar levara D. Santina. Sumira como Arnaldo, ambos vítimas da imprudência e da falta de juízo.

Sim, ele se lembrara.

Apesar das cenas fragmentadas, do zumbido do vento que dava a impressão de ter feito morada dentro de seus ouvidos, Seu Tibério sabia. Ele vira o que vira. E isso o pescador jamais esqueceria.

Fechou os olhos, fingindo que tornava a dormir. Escutou sons de movimento. O amigo arfava, resmungou qualquer coisa, pigarreou, levantou-se e saiu do quarto. Cheirava a peixe e tabaco. "Melhor assim."

Na escuridão por trás das pálpebras, uma fraca luminosidade se fez e o velho pescador reviu a cena no anfiteatro da mente.

Sim, ele vira.

— Não me lo diga...

Do interior daquela enorme cortina de água e espuma, um par de braços longos e esbranquiçados agarrara a jovem. Esta agitara-se em desvario. A silueta da coisa era esguia, assemelhando-se na parte superior a de uma de mulher, enquanto que, abaixo, seu corpo era serpentiforme. Erguera D. Santina no ar e, quando ambas mergulharam junto com a onda, o restante do corpo surgira no espaço de segundos e rapidamente desaparecera.

Sim, Seu Tibério vira.

Custava-lhe acreditar.

Mas ele vira.

No final, o corpo de serpente terminava em uma cauda semelhante a de um peixe.

A seguir, tudo apagava-se no baque surdo de seu queixo no trapiche.

— Meu Deus, que falta me faz o cigarro!

Era domingo.

O dia estava ensolarado.

Nem de longe fazia supor que uma tempestade daquela açoitara o pobre vilarejo.

Várias casas foram destelhadas e seus moradores providenciavam reparos.

Voluntários erguiam um novo telhado sobre o casebre de Seu Tibério. Ao contrário das grandes cidades, a pobreza material não cedera lugar à pobreza de espírito.

O padre rezava a missa em memória de D. Santana e de todos que haviam perdido a vida no mar nos últimos anos. Perguntava-se o porquê do sofrimento se abater geralmente sobre os mais necessitados.

Havia uma certa satisfação na fisionomia da carola fofoqueira, aquela que era solteirona. Destacava-se feito um farol diante de tantos semblantes contidos. E um sorriso esboçou-se quando o clérigo pronunciou os nomes de Genaro e Santana.

Foi assim que o padre teve certeza de quem inventara os apelidos sem necessitar do confessor para isso. Sentiu o calor da cólera subir-lhe pelo rosto. Nos anos que o tempo levava, ainda bebês, batizara tanto Genaro quanto Santana. E também fora ele a

realizar o matrimônio de ambos na mocidade. Agora, pouco tempo depois, fazia a missa. Sentiu-se muito velho e muito cansado. Todavia, ao perceber um esboço de triunfo no rosto da solteirona, perdeu completamente a razão e as estribeiras. E, sem precisar apontar ou dizer o nome, bradou:

— Aquele ou *aquela* que se nutre do mal, pelo mal será levado! Maldita seja a inveja de um espírito frustrado. *Maldita seja a hipócrita* que, na Casa do Senhor, zomba, difama e diverte-se com a desgraça alheia... MALDITA SEJA!

E seus olhos fuzilaram na direção da carola.

No silêncio pesado que se seguiu, rostos se viraram. E o burburinho tomou conta da igreja.

A mulher emitiu um gemido, sentiu-se encolher, diminuiu até alcançar a sua real insignificância.

Abandonou a missa pela metade e nunca mais retornou à igreja.

No seu caso, não seria de todo errôneo afirmar: o feitiço virara-se contra a feiticeira.

Seu Tibério, já de volta a sua casa, postou-se junto à janela. Enrolou um cigarro de palha entre os dedos calejados. Acendeu-o. Tragou lentamente e, devagar, soprou a fumaça. Suspirou. O olhar perdeu-se do trapiche para a vastidão do mar mais além. Desejou ter instrução o bastante para conseguir colocar em palavras os pensamentos que vinham-lhe à mente.

O mar estava calmo e ensolarado, tão diferente daquela madrugada. Os raios de sol batiam em sua superfície, perdendo-se no brilho de um milhão de

estrelas. Alguns barcos destacavam-se na linha do horizonte, acima dos quais, bando de gaivotas lutavam pelo seu quinhão.

Em breve, o período de afastamento terminaria e, assim, Seu Tibério zarparia outra vez naquela bacia furada, o "Virgem das Águas", para mais uma pescaria ao lado do amigo Tonho e do questionável capitão.

Inspirou a pureza do ar úmido e salgado.

Subitamente, tomado por um impulso, saiu e dirigiu-se em direção ao trapiche. Apoiava-se em um bambu a título de cajado. As juntas reclamaram. Procurou ignorar seus apelos. Pé ante pé, areia sobre areia, chegou até o piso de tábuas velhas e, pouco a pouco, atingiu sua margem, perto do poste e da lâmpada solitária. O local exato onde D. Santina costumava gritar para o mar. O lugar onde ele a avistara pela última vez.

Lamentou:

— Coitada...

Mirou o mar mais abaixo, suas águas escuras tornadas sinistras.

As mãos tremeram.

Pôs-se a pensar nos mistérios infundáveis das profundidades oceânicas.

Teria acontecido?

Teria visto o que achava que viu?

Era somente um exercício de retórica. Sabia as respostas por mais que a razão o negasse.

Lembrou-se de que, quando moço, fascinava-o o momento de recolher a rede, pois nunca se sabia ao certo o que viria. E o mar estava repleto de criaturas diferentes, peixes de diversos formatos, estranhas estrelas-do-mar, conchas de todos os tamanhos e tantas coisas mais, conhecidas e desconhecidas.

Relembrou histórias recentes de redes rasgadas e barcos naufragados em épocas de calmaria.

Acidente?

Boatos falavam desde pirataria, a outras dimensões a gente de outros planetas. Exoterismos demais para a sua mente simples de pescador.

Talvez não fosse exatamente o mar o seu algoz, mas certas criaturas de lendas que, um dia, o imaginário de marujos solitários fizera inventar. Não tinham um canto maravilhoso que fazia os navios chocarem-se contra os recifes? Como chamavam-lhes os indígenas? Iara... Era isso mesmo? Iara...

Atirou o restante do cigarro na água, observando-o flutuar e desfazer-se.

De repente, algo a seus pés atraiu a sua atenção. Estava na última tábua, escura e mofada, na beirada do trapiche.

Franziu a testa já bastante enrugada.

"Um desenho?"

Abaixou-se vagarosamente, escorando-se no bambu. As articulações dos joelhos triplicaram seus protestos.

O entalhe era antigo, de vários anos. Já estava gasto e suas linhas confundiam-se com as ranhuras da madeira.

O velho pescador passou os dedos sobre ele, acompanhando o seu desenho.

Estava torto, porém, percebia-se: era um coração. Dentro dele, duas letras: "G" e "S".

A surpresa tomou-lhe e rosto, e Seu Tibério recordou-se.

— As crianças...

Lembrou-se do casal adolescente naquele ensolarado dia de verão.

— Então, eram eles.

O pesar encurvou-lhe ainda mais os ombros, como se já não bastasse o fardo dos anos.

Ficou ali parado por um longo tempo até não mais suportar a dor no corpo, retomando o caminho para o seu casebre, agora de telhado novo.

— Eram eles — repetiu.

Fosse como fosse, dentro de si, Seu Tibério alimentou uma esperança: a de que, de alguma maneira, a infeliz viúva e o seu desafortunado marido, agora, estivessem juntos. Sim, juntos, em algum

lugar nas profundezas frias, escuras e molhadas de um temporal distante.

No final das contas, o mar atendera aos apelos da jovem, apesar de não ter sido exatamente conforme ela desejara: em vez de devolver-lhe o marido, levou-a até ele.

E assim permaneceriam.

D. Santina e Genaro.

— O Trovão e as Ondas — murmurou.

Unidos para sempre em meio a uma tempestade sem fim.



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



O HÓSPEDE 37

por Cecília Torres Nogueira

Conto

O Boeing 747 da *airlines* húngara *Wiss Air* atravessava uma tempestade, raios riscavam o céu e as nuvens negras deixavam a visibilidade praticamente nula, um estrondo muito forte, começou uma turbulência, a luz vermelha acendeu e a voz do comandante ordenando aos passageiros que colocassem o cinto de segurança. As aeromoças com sorriso disfarçado dirigiram-se calmamente aos seus assentos e igualmente se protegeram apertando o cinto. Parecia nunca ter fim,

o avião ora baixava bruscamente, ora subia, o medo gelava a espinha de todos, podia-se ouvir rezas e lamentações era como ter entrado num buraco negro, num corredor vazio sem destino... Um clarão muito forte cortou o céu e depois tudo acalmou a tortura dos chacoalhes finalmente tinha acabado. Aterrissagem perfeita, avião, passageiros e tripulantes haviam chegado ao seu destino, Chicago era a cidade. Assim que desembarcou e pegou sua mala Dave James um grande engenheiro empreendedor de fama internacional, correu para chamar um

táxi, a tão costumeira disputa por um veículo fez com que Dave se embarafustasse junto com um senhor gordo de óculos disputando o lugar traseiro da condução.

Os dois falaram ao mesmo tempo: “Hotel Huston, por favor,” sujeito atrevido aquele, o espremia com suas banhas. Sorte que o mal-educado pediu para ir ao mesmo destino, senão...

Ao chegar o gordão deu uma nota alta nem exigindo o troco. Assim, o taxista nem se lembrou de cobrar o segundo passageiro.

A pressa em adentrar no Hotel foi grande, na recepção um moço alto e magérrimo e uma loirinha de cabelos presos para trás com uma bela trança super elegante solicitou o número do quarto do senhor obeso que prontamente disse apartamento vinte e três este recebeu logo as chaves sendo conduzido pelo mensageiro, aquele rapaz que carrega as malas que sempre exige gorjetas, já o jovem cadavérico atendente dirigiu-se ao Dave que já se encontrava com a reserva na mão estendendo-a ao recepcionista, o cara era muito pálido e estranho balançou a cabeça negativamente:

— Deve ser algum engano, Senhor, quem sabe um *over book* este quarto trinta e sete já está ocupado. Hoje pela manhã, recebemos quase todos os hóspedes — disse o funcionário em tom de dispensa.

— O engano é de vocês, a não ser que minha esposa tenha antecipado a viagem e chegado junto com meu filho. Vocês precisam checar isso direito. — Dave já começava a se irritar com aquele descaso.

— Pois não, Senhor vai ligar imediatamente para o gerente de reservas e verificar o mal entendido — replicou o atendente. Que foi logo lançando mão do telefone:

— Quem está ocupando o quarto trinta e sete, Senhor Rian? — continuou — parecia a pessoa mais educada do mundo.

Certo, compreendo, vou explicar para esse homem. Com um ar de desaprovação e com uma cara de quem chupou limão.

— E então? Dave já estava ansioso demais com tudo aquilo.

— É a senhora Laurence, senhor, que está ocupando o quarto trinta e sete; deixou ordens que não quer ser importunada, pois no momento está dormindo.

— Não pode ser, sou o marido dela, tem que ter um recado, ela me aguarda junto com meu filho Charles, aliás, ele está com ela, ele está bem?

— Senhor não se exalte, pois terei que chamar o segurança, o senhor queira aguardar do lado de fora, pois não temos como abrigá-lo aqui. — ordenou o recepcionista impaciente.

— Me deixe subir eu converso com ela; por favor, estou cansado fiz uma viagem longa e cheia de turbulência, pelo amor de Deus! Dave mostrava sinais de cansaço e indignação.

Nisso dois seguranças grandalhões seguraram Dave pelo colarinho e empurraram-no para fora do Hotel sobre os olhares curiosos de outros hóspedes que ele pode reconhecer que estavam junto com ele no avião...

Desconsolado precisava arrumar uma escapatória, entretanto por que não se lembrara de ligar pro celular da esposa? Tão simples assim, sacou o celular da mala e viu que estava totalmente descarregado sem bateria, mais essa agora, pensou. Precisava achar um hotel, hospedar-se e dar um jeito de falar com Laurence.

Rodou todos os hotéis e nem precisou chegar a perguntar sobre vaga porque sempre tinha uma enorme fila de gente perguntando sobre vagas e sempre saindo sem conseguir nada. Assim, transtornado tomado pelo cansaço, foi até um parque onde achou um banco e ficou por lá mesmo.

Cobriu-se com um cobertor que estava em sua mala, acabou dormindo. Dia seguinte iria voltar ao Hotel e esperar por Laurence ela teria que sair para a conferência que ele iria dar. Amanheceu. Buzinas, sirenes e apitos de guardas de trânsito. Uma confusão de pessoas, Dave apressou-se para o Hotel Huston, e qual

foi sua surpresa: sua esposa já entrava num táxi, acompanhada de seu filho e um desconhecido.

O sangue subiu-lhe à cabeça “Como pode ela dormir num Hotel com um estranho?” pensou. Nenhum táxi parava pra ele. Foi então que se lembrou do metrô e não deu outra correu pra lá e mais uma vez empurrado por uma multidão de pessoas passou pela catraca sem pagar. Apressou-se em pegar o trem, já estava quase na hora de sua conferência cujo palestrante era ele; ele a peça principal, ele o dono de vários empreendimentos e incorporação de prédios, o responsável pela alta da economia de prédios comerciais que tem como missão a sustentabilidade da água no planeta. Todos os outros projetos de prédios comerciais copiavam seu modelo para reciclar a água nas grandes metrópoles até em outros países ele era exemplo.

Cansado, desalinhado, sem entender bem o que acontecia até aquele momento compareceu em sua conferência internacional e para sua surpresa logo na entrada uma lista anexada em um tabuleiro notificando os familiares sobre desaparecimento dos passageiros do voo 145 do Boeing 747 da airlines húngara Wiss Air sua foto em destaque num grande cartaz com os dizeres “Um notável empreendedor, uma perda inestimável para o setor da economia internacional...”

Sentou-se desconsolado no degrau da longa escadaria que dava para o prédio em que ele costumava reunir empresários, políticos, jornalistas, aliás, sua própria esposa era jornalista, e ilustres personalidades de seu ramo de atuação, todos ali em homenagem a ele que se finou no auge de sua carreira, novo ainda porque ainda ia completar trinta e oito anos na próxima semana, havia passado pro outro lado, olhou em sua volta passageiros do mesmo voo dele checavam seu nome na lista. Juntos iam partindo, partindo para a luz. Assim, Dave deu uma última olhada em seu filho e Laurence que seguia consolada

por um parente dela. Um novo voo o esperava naquele momento numa nave mãe. Partiu...

Ufólogos estudaram o caso, o avião desapareceu misteriosamente no Triângulo das Bermudas sem nunca acharem os destroços, teriam sido abduzidos? Teriam entrado em outro portal? Especialistas em desastres aéreos juravam que o avião desintegrou-se no ar, muitos mistérios ainda temos para explicar neste nosso plano terrestre.

E você prezado leitor ainda pensa estar vivo?



Cecília Torres Nogueira nasceu em 15/06/1965 na cidade de São Paulo, capital. Professora de português e inglês, pós-graduada em Literatura e Língua Portuguesa pela Unip, possui várias publicações de contos e poesias pela editora Andross e pela editora Illuminare.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 60 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

**ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



INDAGAÇÕES NA CHUVA

por Roberto Schima

Conto

Mais uma noite insana em um mundo sem juízo. Observo a cidade abaixo de mim: o trânsito nunca dorme e as luzes jamais se apagam.

Ah, a escuridão... A esconder segredos lascivos e a dor trêmula numa lâmina na mão.

De vez em quando, um aerocarro cruza o céu. São raros. Após a crescente crise econômica, tornaram-se um luxo reservado a poucos.

Sinto-me inquieta.

Inspiro o ar frio.

Somente...

... Só, mente.

Sorrio de mim própria.

Não gosto de fumar, mas estou fumando... Por quê? O tabaco é amargo. A boca fede. Todavia, há uma pincelada de prazer mórbido a roer a alma da gente, tão efêmera quando duradouro é o arrependimento. Quem fuma não está a matar uma parte de si própria ou àquele espírito estranho — o "monstro" — que fincou os pés em nossa alma?

Pensamento esquisito...

Eu sou esquisita, não sou?

Para dizer o mínimo.

Fumar é uma dessas bobagens que a gente faz sem perder tempo em questionamentos lógicos ou razoáveis. Se são bobagens, não são para ser nem uma coisa, nem outra.

Apenas tive vontade.

— E dane-se.

Eu não recomendo a ninguém.

Os pulmões agradecem, sem pressa da podridão precoce. Como se já não bastasse a poluição dessa cidade imunda, envenenando a alma de toda gente, reduzindo um dia de vida a cada dia passado nela. Um martírio autoimposto e necessário. O mal necessário bem exemplificado.

Nem todos são iguais a mim. Sou mais do que esquisita. Eu sobreviverei a isso, aos alimentos contaminados, às pandemias e muito mais, como sempre. Aparento ter somente vinte anos, embora seja significativamente mais velha. O sonho de toda mulher, creio eu. Não é presunção, só constatação. Não se trata de mérito próprio, apenas fruto de um destino insólito. Em um mundo de iguais, eu nasci diferente e não pedi por isso.

Dou outra tragada.

Apenas bobagem...

Porém, se realmente quiserem fumar:

— Danem-se!

É como acariciar o próprio sexo diante de uma cena excitante na TV. A gente não pensa. Apenas faz, sente, contorce, geme, goza e relaxa. Simples.

Por que estou pervertida assim? Deixei-me infectar?

Sorriso novamente através de lábios sem batom em um rosto desprovido de maquiagem. Não preciso aparentar ser bela, pois isso pouco me importa; e, o que pensam de mim, menos ainda. Não necessito mostrar-me mais jovem, porque o tempo me é uma incógnita. Continuo no auge da vida, embora sinta haver ultrapassado o meu próprio

horizonte de eventos. Dever-me-ia sentir feliz por isso. Todavia...

O que houve àquela garotinha ingênua que vislumbrava o mundo através de ares de admiração e onde tudo eram descobertas e deslumbramentos? A menina que, nos gramados, sem perceber, fazia um pardal pousar perto de si, depois outro e mais outro e, de repente, via-se rodeada por um bando todo em alvoroço sem uma explicação razoável para isso?

Isso foi há muitas vidas.

A vida muda as pessoas mais do que podemos mudar nossas vidas.

Observo a fumaça formar desenhos diante dos meus olhos: redemoinhos, vultos, forma nenhuma. Ela foge pela janela deste apartamento e dissolve-se na escuridão em minúsculas revoluções. A fumaça está se portando como a minha mente: dispersa, dissolvendo-se no ar.

O vento sopra lá fora: frio, fétido e rançoso. É como se me chamasse, dissesse o meu nome. Ao menos era o que contava a minha mãe. Haja imaginação...

Sim, o vento.

E a chuva.

E a noite.

Ando à procura de respostas não é de hoje, contudo, estou farta de formular as mesmas perguntas, sempre as mesmas questões. Chega um momento que cansa e, ainda assim, sinto-me aflita pelas respostas. Por que, entre milhões de abóboras, eu tive que nascer desse jeito?

Eu gostaria de ter conhecido o Prof. Santini de quem mamãe de vez em quando falava. Seu mestre. O amor de sua vida. Mas não o meu pai. Falava dele de vez em quando, sem maiores detalhes. Talvez o velho tivesse as respostas, uma

pista ao menos. Afinal, até onde pude saber, ele foi o responsável, não foi?

Às vezes, creio que o melhor seria eu me portar como essa fumaça, simplesmente indo para onde a correnteza quisesse me levar...

... Não consigo.

Isso me frustra. Enraivece-me.

O calor sobe-me nas faces, incendeia-me por dentro.

Preciso me conter para a ira não eclodir. Isso já aconteceu. Não foi bonito.

Eu não fui pelos ares, entretanto...

E, agora, eu relembro a última vez em que isso ocorreu.

Os gritos... Ah, os gritos!

A imprensa amou.

E, sendo perversamente sincera, eu também.

Saboreei aqueles momentos em um êxtase de dor e sangue.

E isso foi o pior de tudo.

Algumas noites atrás, apesar do temporal persistente, eu caminhava pela cidade.

Havia muito tempo eu preferia andar sozinha, farta de conversas rasas, rotineiras, de anseios tão estreitos quanto limitadas eram as vidas das pessoas nos centros urbanos.

"Sisi", chamavam os vários conhecidos e os raros amigos. "Sisi!"

Sim, esse é o meu nome.

Um nome sussurrado pelo vento.

Os mais jovens tratavam-me por professora, pois foi a atividade que exerci durante certo tempo, seguindo os passos de minha mãe, astrônoma por formação. Talvez haja uma ironia nisso, como se não bastasse a nossa extraordinária

semelhança física, mais do que gêmeas separadas por uma geração.

"Professora Sisi!"

Tantos olhos sobre mim davam-me nos nervos. Todavia, pretendi por-me a prova.

"Professora Sisi!"

Nunca me acostumei se tratada desse modo.

Acho que nem eles. Encaravam-me como se eu fosse uma espécie de doida, uma *hippie* bastante fora de época, entrando em transe de repente ou divagando sobre incoerências. Alguns supunham ser eu uma feiticeira. Quem haveria de culpá-los? Havia curiosidade, gracejo, inquietação e medo em seus olhos. Tinham razão. Meu corpo estava lá, mas meus pensamentos sempre viajaram pelo espaço através das estrelas; e, vez ou outra, no interior de suas almas juvenis. Até os mais rebeldes — sempre havia pelo menos um deles em cada sala — tiveram que se comportar: que escolha eles tinham?

O mundo já estava decadente naquela época. Avanços inacreditáveis na tecnologia em contraposição à extrema ignorância do populacho. Uma Nova Idade Média, pincelada de contrastes e paradoxos. Leviandade. Vigarices. Violência. Crendices. Luz e trevas em um amálgama de estupidez. Uma estupidez cinza. Se aquilo era o ápice da Criação, não era por acaso que o mundo beirava o colapso.

Demônios a assombrar o mundo.

Criados a Sua imagem e semelhança, certo?

Talvez o livre arbítrio tenha sido o maior dos Seus erros...

E eu procurava ser atenciosa, paciente, amável.

Acreditava poder fazer a diferença.

Acreditava na tal humanidade.
 Acreditava na voz da razão...
 ... Eu acreditava demais.
 Acreditava no poder da luz sobre
 as trevas.

Até o dia em que invadiram o
 nosso apartamento e a realidade surgiu
 na forma de um soco em meu rosto.

As trevas venceram.

Então, aprendi: por mais que o Sol
 brilhe, em verdade, o céu é frio e escuro.

Engoli a dor, desisti de tudo e fui
 embora.

Os alunos não reclamaram.

Queria respostas para uma vida
 cheia de enigmas e não mais perguntas.

Por que não tive um pai?

Por que eu nasci daquele jeito?

Por que escolheram a minha casa?

Por que não pude prever o destino
 de minha mãe?

Ademais, para além dos
 dramalhões pessoais, com quem
 discutiria as grandes questões a respeito
 da origem do Universo e, assim, a minha
 própria origem? Ou se haveria algo mais
 além dele, um infinito além do Grande
 Infinito? Existiria um limite para o
 tempo ou o Eterno seria uma
 circunferência sem fim?

Quem?

Os colegas docentes viviam
 basicamente preocupados com a própria
 sobrevivência diante de um salário
 insípido e aulas sem a menor motivação.
 O ensino nunca fora prioridade de
 governo algum e, naquele tempo, não era
 exceção. Sempre julguei isso de uma
 imbecilidade sem tamanho, um tiro no
 próprio pé, por mais que os dirigentes
 acreditassem ser uma vantagem manter
 as pessoas, especialmente os eleitores,
 chafurdando no pântano da ignorância.
 Ignorância de quem?

O problema entre a Ciência e a
 política é o drama da água e do óleo.

A Ciência lida com conhecimento,
 aprendizado, sabedoria.

Política trata de ambição e poder,
 e, para chegar lá, basta a rasteira ou a
 persuasão.

O primeiro exige humildade e
 discernimento diante de um determinado
 fim.

O segundo acredita que os fins
 justificam os meios, por mais vis que
 sejam.

Assim, não tive com quem
 conversar. De qualquer forma, quem
 ouviria? Quem acreditaria?

Somente o Prof. Santini, creio,
 porém, de que adiantava pensar nisso?
 Ele sumira havia muito tempo.

Eu queria saber, desabafar que
 fosse. Eram indagações para as quais eu
 jamais encontrara eco. Somente o
 silêncio escuro, sujo e frio de um asfalto
 molhado e as luzes dos postes a pontilhar
 o caminho de volta para casa. Mas já não
 era a minha casa, o meu lar. A mácula
 impregnara aquele lugar feito uma
 moléstia.

Então, escolhi a estrada, a noite e
 incontáveis moradas provisórias.

A noite... Sim, era um elemento
 familiar para mim, constituindo-me uma
 segunda natureza. Fazia parte de minha
 essência — Quão verdade isso era! —,
 moldada em meu íntimo desde que a vida
 adquirira forma através de meu corpo
 num jorro de energia no começo das
 eras, desde que o mundo emergira do
 caos. Era uma natureza sombria, oculta
 nas vísceras da alma. Ah, tão literalmente
 que ninguém poderia imaginar! Sequer eu
 acredito. Sequer faço idéia do real alcance
 dessa verdade.

A chuva também era bem-vinda, lavando tudo como se desejasse purificar a cidade das memórias passadas, das vidas anteriores que armazenara, preparando-a para as vidas futuras de cotidianos descartáveis que iriam substituí-las. Chuva... como me fazia bem! Ela conseguia tão somente arranhar a superfície, abanar a poeira, transformando-a em lama. Entretanto, o âmago permanecia intacto, livre da amnésia líquida que escorria das nuvens, invisíveis pela escuridão. Restava apenas a sensação de vazio. O vácuo que vinha acompanhado da luz solitária de uma motocicleta ou o tamborilar do aguaceiro nas coberturas de zinco.

E aquela noite, apesar da escuridão, apesar do temporal — ou justamente por causa de ambos —, eu andava a esmo pela cidade.

O destino guiava meus passos.
Daqueles dois estranhos também.

Éramos títeres em um palco imundo e mal iluminado.

E, através de diferentes caminhos, iríamos nos encontrar.

Eu vestia uma capa preta de plástico bastante ordinária e podia sentir o aguaceiro chocar-se contra o capuz e escorrer em infinitas cascatas. Vez ou outra, o vento repentino conseguia fazer a chuva atingir o meu rosto, e, às vezes, eu mesma o erguia para receber o líquido levemente ácido em meus lábios. Ele descia pela garganta num misto de frescor e ardor. Uma parte rolava pelo meu pescoço, meu colo e entre os seios em toques leves que me faziam recordar, recordar e recordar... Por mais que eu

tentasse evitar. Prazer e dor eternamente entrelaçados.

Outra perspectiva.

Outro tempo.

Outro eu.

O envenenamento da atmosfera caminhava lado a lado a elevação do nível dos mares e outros sintomas de uma doença cujo vírus era a humanidade. Contudo, quem se importava? O "vírus" não tencionava remediar-se, tampouco eliminar a si próprio — genericamente falando, pois, individualmente, em grupos ideológicos ou nações, exterminava-se desde o princípio —, por mais que soubesse que, destruindo o "hospedeiro", destruiria a si próprio.

Consegui divisar a chuva através dos círculos translúcidos de luz das lâmpadas de mercúrio. Dependendo da perspectiva, podia ver a miríade de gotas vindo em minha direção a semelhança de um enxame de setas. Um aguaceiro de luz rodeado pela escuridão. Não sei explicar o que haveria de tão atraente em uma lâmpada solitária a enfrentar a noite e a chuva numa madrugada fria. Talvez um reflexo de meus próprios sentimentos em relação ao mundo no qual caminhava ou a impressão sobre as minhas próprias origens.

Em dado momento, avistei uma banca de jornais numa praça deserta. Era daquelas bancas que não fechavam nunca. Fui em sua direção feito uma mariposa atrás da luz, conforme cantara Adoniran Barbosa num tempo em que o cotidiano ainda trazia alguma poesia, um tempo que eu não conheci.

O indivíduo encolhido ali dentro devolveu-me uma fisionomia indiferente ao ouvir meus passos, mais atento ao jornal que tinha em mãos, tomando o cuidado de não amassar as folhas a fim

de repassá-lo depois. Era um negro grisalho, de compleição robusta. Devia ter quase setenta anos... Sessenta e oito na verdade, embora não o aparentasse. Como eu soube? Apenas soube. Seu suéter estava esticado ao máximo sobre a barriga roliça. Lábios grossos e rachados mordiam o toco de um velho charuto. Uma argola de prata pendia-lhe da orelha esquerda. Lia compenetradamente, franzindo a testa de vez em quando.

A primeira página exibia manchetes habituais sobre a violência crescente, a degradação ambiental, o lançamento do último modelo de aerocarro, o *Asahi-14*, a construção da colônia lunar e um recente projeto que desejava aprovar a inteligência artificial enquanto uma nova forma de vida: Projeto Miralva, mas os entraves entre políticos e cientistas persistiam. Uma nota de menor destaque mencionava o segredo envolvido sobre o astro-observatório, um instrumento tido por miraculoso, apesar de poucas nações conseguirem construí-lo. Uma coisa era dispor dos esquemas; outra, a capacidade de compreendê-los e mais, transformá-los em realidade. As sanções na Educação tinham o seu preço. Que diriam se soubessem que minha mãe estivera na posse de um? Sou a prova viva disso... Incríveis avanços tecnológicos lado a lado às costumeiras demonstrações de estupidez e barbárie.

Carros voadores.

Consciência artificial.

Vidas em mundos distantes.

Filhos bastardos da partenogênese.

E o mundo mergulhado numa luta fratricida.

Sempre os velhos contrastes.

A Nova Idade Média.

A luz e a escuridão.

O pior dos vírus.

O que o jornalista estaria pensando? Mastigava vorazmente o charuto em meio ao seu nevoeiro particular — a fumaça —, como se estivesse abrigado em uma cápsula onde tudo o que importava era aquela manchete. Por um momento, ocorreu-me procurar saber, conforme adivinhara sua idade, porém, mudei imediatamente de idéia. Havia ocasiões para tudo e, naquele instante, a solidão era a mestra do mundo. E, para ser franca, tampouco me importava com o que ele pensava ou deixava de pensar e, tenho certeza, a recíproca era mais do que verdadeira.

"Benvenuto". O nome dele era Benvenuto.

Pestanejei.

Nem precisei esforçar-me para saber. Aliás, sequer o pretendia. Não me interessava. Apenas emergiu em minha mente. Curioso esforçar-me para não saber mais ao invés do contrário. Estranho. Estaria perdendo o controle?

Provavelmente achando que eu me estendera demais ali, parada, em meio ao aguaceiro incessante, atrapalhando a sua preciosa concentração, baixou o jornal e voltou-se para mim.

— Deseja alguma coisa? —
rosnou.

— Por enquanto não. Estou só olhando — respondi.

O homem grunhiu, contrariado, e tornou a ignorar-me, tentou ao menos.

Não fosse pelo vento, não sei se conseguiria permanecer no local, sentindo o fedor do charuto. Tabaco era tabaco, todavia, aquele charuto em particular... Misericórdia!

Fitei as revistas e jornais sem um interesse específico a princípio. Na parte de cima estavam as edições pornográficas

intercaladas a outras publicações, inclusive — tive de sorrir — uma revista religiosa. Formavam um mosaico no mínimo curioso. Se as primeiras estavam no alto para ficarem fora do alcance de menores, não lhes era vedado observar as fotos das capas e adivinhar o conteúdo... Como se precisassem! Através do computador tudo o que antigamente era velado e observado na surdina pelos mais velhos ou adolescentes curiosos, agora era trazido livremente para o conforto do lar de braços — e pernas — abertos. Ambas as partes faziam-se de desentendidas, mas ambas sabiam e, até, usufruíam.

Mais abaixo, avistei revistas de moda, de astrologia, de veículos, de animais de estimação, de futebol e de fofocas sobre a vida particular de celebridades. Quem se interessaria pelo esforço mental da Astronomia quando havia o conforto preguiçoso da astrologia? Alguém já se dera conta de que ser "celebridade" não era exatamente sinônimo de mérito?

Mais ao lado, um jornal anunciava a descoberta de outro corpo de mulher. A infeliz havia sido atacada pelo psicótico que um repórter, imaginosa e batizara de "Violentador dos Jardins", pois a maior parte dos crimes ocorrera nesse bairro e arredores. A identidade do assassino era uma incógnita, então, em vez de uma foto, havia o desenho fantasioso de uma figura sem rosto e aspecto ameaçador. Embaixo dessa notícia, lia-se o artigo sobre uma recém-criada Comissão de Pesquisa Extraterrestre para estudar determinados sinais que, aparentemente, seriam provenientes de uma outra civilização a atravessar o Cinturão de Oort a caminho do sistema solar. Dizia-

se que a descoberta fora devida ao esforço de uma cientista brasileira, Dra. Cristina e seu computador inteligente. Seria possível? Acrescentava o apoio dessa cientista ao tal Projeto Miralva.

"Tanta informação", pensei, sentindo a chuva às minhas costas, "e as pessoas desta época aparentam ser mais estúpidas do que os trogloditas em suas cavernas, os quais, aliás, estavam longe de ser estúpidos."

Foi numa dessas passadas de olhos que vislumbrei aquela revista. Estava intercalada a outros gibis na parte de baixo da banca e não tinha nada em particular que a fizesse se distinguir das demais. Não sei bem o motivo que me chamou a atenção para ela. Talvez fosse o desenho da mulher na capa, cercada de raios e estrelas. Fosse como fosse, lá estava, esperando por mim ao relento, protegida da chuva por um toldo de plástico. Peguei-a com os dedos úmidos.

Era uma daquelas edições que falavam de seres fantásticos, super-heróis, superpoderes e superbobagens afins. Trazia histórias de uma heroína, ou melhor, uma super-heroína. Ela combatia todas as formas de crime, usando seus dotes extraordinários, curvas acentuadamente generosas e uma anatômica dificuldade em manter os joelhos juntos. Fazia tudo com muita sensualidade e poses de bailarina — para não dizer vadia —, sem desmanchar uma única mecha de seu penteado ou amarrotar seu traje exageradamente curto, justo e colorido. Sequer uma gota de sangue aparecia, apesar dos socos e pontapés generosamente distribuídos entre os vilões.

Pus-me a folhear.

E a noite avançava lentamente.
Praticamente não havia trânsito
algum.

O aguaceiro produzia um
tamborilar monótono sobre a cobertura
de zinco e as copas das árvores daquela
praça.

Patas-de-vaca, quaresmeiras e
cambucis eram agitados pela ventania.
Sopravam meu nome.

Eu virava as páginas sem pressa.

Então...

— Ei, mocinha! — disse o
jornaleiro bruscamente. — Se quer ler,
tem que pagar! Tá pensando que sou o
quê?

O sangue ferveu dentro de mim
antes da consciência poder domá-lo.

Normalmente, não era assim, não
mesmo. Eu sabia manter o autocontrole.
Creio que o tiriteiro do destino puxara
um de seus cordões antes do tempo.

Ergui meus olhos vagarosamente.
Era como se uma névoa avermelhada
toldasse a minha visão.

Lá estava aquele homem,
destacando-se entre as pilhas de jornais.
Lá estavam seus olhos, seu olhos negros
que se tornaram imensos e brilhantes
feito dois poços transbordando de
matéria morta.

Fitei as profundezas daqueles
olhos e mais além. Mergulhei. Foi como
afundar em um poço cheio de mel.
Atingi o cerne de sua alma entediada.
Dilacerei-a entre as mãos. Vi sua casa na
periferia, a esposa adoentada a cuidar de
um bando de netos. Absorvi seus sonhos
desfeitos, suas mágoas e as pitadas de
alegria.

O senhor negro caiu para trás,
chocando-se na lateral da banca de
jornal. Houve um baque surdo,
prontamente abafado pelo chapinhar da

chuva. Ele esforçou-se, mas não
conseguiu desgrudar os seus olhos dos
meus. Engoliu em seco e, apesar do frio,
o suor principiou a porejar de sua pele.

Seu cérebro poderia explodir num
pudim gelatinoso.

Seus pulmões poderiam parar de
inflar.

Seu coração poderia deixar de
bater.

Ou eu apenas poderia fazê-lo
urinar nas calças só por divertimento.

Simple assim, eu...

... não, não tão simples.

A mulher idosa tentava alcançar
um dos netos. Tossia. Chorava.

Não fiz nada disso.

Libertei-o.

Novamente senhor de si, o
jornaleiro ajeitou-se amedrontado em sua
banqueta. Se dissessem que o seu
semblante era o de alguém que acabara
de ver uma assombração, não estariam de
todo errados. Muitos fantasmas
assombravam o castelo de nossa alma. E
ele possuía os seus.

— Tu-tudo bem... — gaguejou. As
mãos tremeram e o jornal farfalhou,
amarrotado, rasgado. Um punhado de
cinzas caiu sobre seu colo e lá
permaneceu. — Tudo bem, olhe à
vontade. Tudo o que quiser. —
Mergulhou o rosto atrás do jornal,
desaparecendo. Balbuciou ainda: — O
que quiser... Exu!

Exu.

Forcei-me a retomar o controle.

Estranho, muito estranho... Eu
não havia pensado em nada. Apenas
sentira raiva da grosseria, mirara seus
olhos e afundara por aquele par de
janelas. O que será que ele vira de tão
assustador? Estaria eu perdendo as
rédeas após todos esses anos? Seria isso

verdade? Fosse como fosse, ele deixou-me em paz e, naquele momento, era tudo o que importava.

Mas eu poderia ter explodido o seu cérebro.

Os pulmões seriam esmagados feito uva-passa.

As batidas de seu coração teriam cessado.

A viúva teria muito mais a chorar.

Inquieta diante das implicações, prossegui folheando a revista, atenta aos detalhes em cada quadro. Aos poucos, relaxei, ciente de que o pior fantasma era aquele que nos observava diante do espelho. Respirei fundo repetidas vezes, forçando o meu próprio coração a acalmar-se. Como arte, os quadrinhos até que eram bem desenhados; a história, todavia, era de uma banalidade insípida, inverossímil, somente para provocar a libido de adolescentes e, como sempre, acabava com o herói — heroína ou super-heroína, melhor dizendo — capturando os vilões e restabelecendo a paz e a ordem numa pose de *pin-up*, blá-blá-blá, fim. Pelo menos na terra do Tio Sam. Lá se originara essa moda de super-heróis *fitness* que não passavam de representações simbólicas da forma como eles próprios se viam ou esperam ser vistos pelo mundo. E consideravam isso uma virtude! Um misto de ingenuidade e superficialidade típico de uma nação jovem. Bem, ao menos encontravam motivos para se orgulharem.

A tal super-heroína flutuava, soltava faíscas, atravessava as paredes, podia aumentar ou diminuir seu tamanho como se manipulasse as distâncias interatômicas. Tinha se originado de um lugar muito, muito distante no espaço, não obstante a sua aparência

escandinava, e dele estava isolada por forças maiores que as suas. Escondia-se por trás de uma outra identidade, coisa nem um pouco original no ramo.

Contudo, ela me fez pensar sobre mim mesma e o papel que eu representava nesse palco — ou picadeiro — carcomido.

Até que ponto teria alguma responsabilidade para com ele? Seria justo eu permanecer incógnita, passiva, enquanto tantos terrores ocultavam-se em cada esquina? Teria a obrigação de utilizar meus dotes a favor da ordem e do progresso, da moral e dos bons costumes? Quem poderia me responder? O vento? A chuva? Esse jornalista barrigudo, Benvenuto?

Sequer curvas acentuadas eu possuía...

... e detestava roupas curtas ou justas.

Tampouco seriam requisitos para a defesa de princípios carolas.

Os passos molhados aproximaram-se através da calçada fria.

Possuíam uma cadência regular, quase marcial.

Eram pesados, firmes e molhados.

A princípio, eu quase não reparei, concentrada que estava nas peripécias da personagem no gibi.

A sombra do guarda-chuva ocultava seu rosto e, fingindo ignorar-me, pediu ao jornalista uma das revistas pornôis sem o menor constrangimento. Era uma voz grave, desprovida de emoção.

O jornaleiro o atendeu, e, embora não tremesse mais, nem por isso deixou de lançar-me um olhar de soslaio.

Apanhou o dinheiro.

— Obrigado, senhor — falou, e, tentando soar engraçado: — Bom divertimento!

O sujeito nada respondeu. Apenas ficou ali parado por um momento, oculto sob seu guarda-chuva, encarando. Enfiou ruidosamente a revista dentro do casaco.

Apesar de encontrar-me imersa em meus pensamentos, pude sentir os olhos do desconhecido um longo tempo sobre mim antes de tornar a desaparecer na escuridão. Senti algo, uma lufada na alma, um tom vermelho e ruidoso, turvar a minha visão um instante. Deixou-me um azedume na boca.

O homem da banca de jornal resmungou:

— Raios, hoje é uma noite daquelas... — E tornou a proteger-se por trás de seu muro de papel.

Um aerocarro da polícia passou, cintilando suas luzes coloridas, vermelhas e azuis. Vinha pelo asfalto para economizar combustível. Vôos da viatura somente em casos de emergência, problema que as quadrilhas de alto escalão não enfrentavam e sabiam explorar. Esmagou poças d'água numa pressa sem razão. Afogou-se no aguaceiro que teimava em jorrar. Suas luzes transformaram-se em sombras dentro de sombras. Finalmente, desapareceu num derrapar de pneus.

Mais uma vez, só havia a chuva afagando meu dorso e a placidez da madrugada.

Cheguei ao fim da revista. Cinco histórias.

Fiz uma careta.

"Vinda de um lugar muito distante e dele isolada por forças maiores que as suas...", pensei.

Eu podia compreender, identificar-me.

Então, era aquilo o que eu era? Uma super-heroína? Teria eu o dever moral de defender a tradição, a ética e os mocinhos? Teria de vestir uma indecência como aquela? Eu sequer tinha aquele busto de vaca leiteira!

Dei uma nota ao jornaleiro. Seu valor era muito maior que o do gibi.

Hesitante, ele falou:

— Não tenho troco para tanto.

— Não é preciso troco.

Ele arregalou os olhos.

— Como assim? — Fez menção de recusar.

— Compre o remédio que D.

Alzira está precisando, Seu Benvenuto.

O homem ficou embaçado.

Como eu poderia saber do remédio? Da esposa? E o nome dele?

Se eu tivesse dado um pontapé em seus testículos, o efeito não seria maior. Mais divertido, talvez.

Não esperei por qualquer pergunta ou agradecimento e fui embora. Ele mal percebeu que eu deixara o gibi num canto qualquer de sua banca. Não me tinha mais serventia alguma.

Retomei os meus pensamentos. Ruminei aquilo como quem mastigava um chiclete gasto, relutante em cuspi-lo.

Eu era uma super-heroína?

— Balela.

O que eu era?

— Sei lá... Uma aberração inventada por Ele.

Fitei o negrume do céu, querendo uma resposta que não veio, exceto pelos trovões. Não havia estrelas. Desejei que

houvesse. E foi a primeira vez que lamentei a chuva.

Atravessei a avenida São João. Cruzei uma praça encharcada e sombria. Pensei em minha mãe e nas histórias que ela me contara. Ela fora astrônoma e, de certa forma, eu herdara o seu gosto pela Ciência. Em dado momento, mamãe refugiara-se em um mosteiro e, lá, foralhe revelado o segredo do Universo. Mosteiro! Curioso, não? Sim, contrastes e paradoxos estavam em toda parte, até na vida de uma cientista solteirona.

A Lua.

As estrelas.

O Big Bang.

Maria Ângela.

Prof. Santini.

Suminori.

Deus.

E os incontáveis mundos observados através do poderoso astro-observatório.

Aprendemos muito através de seus olhos — "O Olhar de Hirosaki" —, mas, talvez o aparelho tenha sido a semente que precipitara o declínio da humanidade.

Quando fora dado aos indígenas saberem da existência dos europeus, vários se prostraram e submeteram-se passivamente. De que adiantara tudo o que haviam feito e criado, se havia homens — ou deuses — que não somente trilharam caminhos semelhantes, mas superaram-nos e foram bem mais além? De que adiantava qualquer coisa? Suas existências foram uma futilidade? Seus esforços foram em vão?

O astro-observatório despertara algo semelhante. Havia tantas promessas e tantas esperanças de desenvolvimento, de unidade, de compreensão, de avanços

tecnológicos. Todavia, tornaramo-nos o retrato de Dorian Gray, o senhor Hyde, a fealdade do outro lado do espelho, inermes, sectários, gananciosos, cientes da existência de civilizações infinitamente superiores, ainda que extintas. Sem mencionar na recente descoberta daquela tal cientista, a Dra. Cristina.

E, do interior de bilhões de anos, eu surgi.

A filha da Grande Luz.

Da Eternidade.

Do Infinito.

A super-heroína...

... Balela!

Soube da resposta alguns metros adiante, quando o marginal saltou das sombras a minha frente. Trazia uma faca em punho. Era grande. Uma peixeira.

— Vamos! — ordenou num gesto brusco.

Segurou-me pelo cotovelo e fez-me caminhar até um beco próximo.

Seus olhos não se desprenderam de meu corpo enquanto abaixava o fecho-ecler da calça.

— Deliciosa... — sussurrou.

Eu não precisava ser um oráculo para indagar aos deuses o que a besta pretendia.

Mas onde ele vira uma "delícia" através de meus trajes largos e surrados eu não saberia dizer. Além de asqueroso, devia ser cego.

Seja como for, ele era tão óbvio quanto aquilo que saltou para fora.

Apavorada? Claro que eu ficara, porém, a raiva foi maior.

Tipos como ele davam-me mais nojo do que esmigalhar uma barata entre os dentes.

Tipos como ele foram um denominador comum em todas as épocas e em todos os lugares.

Tipos como ele invadiram meu prédio, entraram em meu apartamento, atacaram a minha mãe.

E o miserável aproximou-se com aquilo ereto, numa saudação nazista.

— Vem cá — disse o animal dentro dele.

Enrijeci os músculos do maxilar.

Raiva, a raiva.

Um véu rubro baixou sobre os meus olhos.

O rubor apossou-se de minhas faces umedecidas, quente e vermelho feito o fogo.

E o aguaceiro, em mil cascatas, caía, caía e caía.

Era gelado.

Era atrevido.

Era delicioso.

Fogo e gelo.

Não, eu não era uma super-heroína, uma heroína sequer. Nada de defender a liberdade, a moral e o bom comportamento. Desculpe-me, mãe. Nenhuma revista em quadrinhos relataria uma história como aquela. Os adolescentes, apesar de todas as liberdades proporcionadas pela rede de computadores, ficariam chocados. Nenhuma super-heroína deixaria seus bons modos de lado ou a dose certa de clemência, apesar dos peitos enormes e as ancas de deusa da fertilidade. Eu não conhecia a clemência. Ou melhor, já conheci, contudo, o tempo gradativamente roubou-a de mim, entre tantas e tantas coisas que levou embora. Devagar, baixei o capuz.

— Vem cá, você — respondi languidamente.

Ele congelou.

E meus olhos transformaram-se em dois carvões em brasa.

Minhas veias entraram em ebulição.

Fogo, fogo... Fogo!

Ah, sim, um dia eu acreditara poder fazer a diferença.

Acreditara nas virtudes do ser humano.

Acreditara na voz da razão.

E o passado, de forma análoga as primeiras gotas de chuva, ficara para trás.

Inspirei, levantei a cabeça e encarei-o. E o rosto que surgiu foi o rosto de minha mãe quando jovem, idêntico. Um clone não seria melhor.

E ele viu as duas brasas. Deu um passo atrás.

Feito uma locomotiva, adentrei às profundezas escuras de seus olhos, até seu âmago em ruínas.

O desgraçado gemeu.

Enlameei-me em sua alma apodrecida. E vi todos os horrores que causara.

Rostos surpresos, chocados, apavorados.

Rostos em prantos, clementes.

Rostos mortos ao rubro.

Vi a luxúria transformada em dor; a perversão, em prazer. E o monstro surgia triunfante, a peixeira em punho, banhada de sangue; desejo saciado, embora jamais plenamente satisfeito.

E, no fundo desse poço deteriorado, eu descobri: havia um alçapão.

Estranho.

Algo em mim relutou seguir adiante, abri-lo, escancará-lo, invadi-lo e encará-lo.

Mas eu o fiz... E que desgraçada eu fui ao fazê-lo! Por quê? POR QUÊ?

Reprimi a surpresa, o asco e o horror. Não consegui. Era impossível.

Pois lá estava aquele semblante, meu reflexo envelhecido, agora distorcido em seu desespero.

Vi...

... e reconheci:

O rosto de minha mãe!

— AAAHHH!!! — gritei. Havia toda dor, todo ódio e um outro monstro — o MEU monstro — que, por anos, agarrara-se as grades de meu coração. E, agora, arrancava-as enfim.

O eco esparramou-se pelo beco sujo.

Analogamente ao jornaleiro, o maldito a minha frente engoliu em seco. A sensação de domínio e poder totalmente evanescida. O apêndice, agora, ridiculamente murcho e pequeno, balançava inútil. Arregalou os olhos azuis na fisionomia desfigurada.

Dessa vez, havia uma diferença: eu sabia exatamente o que ele via... e sentia.

Ele via o seu futuro imediato.

Ele sentia o sofrimento que viria.

Seu coração tornava-se pequeno em seu peito.

Seus nervos transformaram-se nas cordas de um violão, e passei a tocá-los. Cada nota era uma navalha a afundar lentamente no vão entre os dedos, uma sinfonia de dor desmedida.

O terror aflorou através de sua voz:

— Não! Por favor... NÃO!
NÃÃÃOOO!!!... AAAAIIIIII!!!

Ah, sim, essa era a música, a melodia!

Que visão... Um homem daquele tamanho, de calças arriadas. Ajoelhou-se na calçada molhada, contorceu-se todo, implorando em meio à agonia feito uma criança arrependida.

Do nada, arranhões surgiram em suas faces feito cortes de navalha.

— AAIII!!! NÃÃÃOOO!!!

A sinfonia, sim, a sinfonia!

Prossegui a tocar, a tocar e a tocar, feito um roqueiro em sua guitarra completamente esquecido do mundo.

Um violino.

Um violoncelo!

Olhei para ele, o asfalto, a chuva, o sangue.

Vi os olhos de minha mãe.

Forcei as cordas, sentindo gana de arreventá-las.

O berro de dor ficou grudado no céu de sua boca por onde a baba escorria, misturando-se à chuva.

O corpo encolhido foi tomado por espasmos a semelhança de uma descarga elétrica.

E gemeu e gemeu e gemeu.

Eu queria chutar a sua cara, quebrar as suas mãos, arrancar os seus dentes.

Vi a faca do criminoso, caída, reluzindo na chuva.

Não, ele não era uma criança arrependida.

E não, não haveria arrependimento o bastante em todo o Universo que pudesse perdoá-lo.

A dor seria a sua redenção.

Forcei-o a apanhar a arma branca como se suas mãos fossem as minhas.

Eu não tive clemência.

Liberei sua voz e seus gritos percorreram a noite como uma procissão de almas perdidas. Intensas. Desvairadas. Enlouquecidas. Lembravam-me uivos.

Lobos em pleno centro de São Paulo? Não... Não havia sequer lua cheia no céu. Nem Lua, nem estrelas, nem nada além das águas, dos relâmpagos e da ventania assobiando na floresta de

concreto. Somente ecos responderam àqueles gritos. Ecos e mais ecos prontamente abafados pelos trovões, pelas paredes cheirando a mofo e janelas cerradas que só queriam ignorar e esquecer.

Seus olhos rodopiavam nas órbitas em meio às lágrimas, entretanto, ele não me via. Sua razão pendia por um fio fino, quase perdida, mas eu não o deixaria romper-se por completo.

Em dado momento, a revista pornográfica caiu de seu casaco, quando ele rolou calçada abaixo até uma valeta, tingindo as águas de vermelho. Pisei-a ao aproximar-me do desgraçado.

O calor tomava conta de minhas faces. Eu esticara as cordas ao máximo. Era lindo de ouvir.

— Ainda não terminei — falei.

E a agonia prolongou-se o mais que eu pude.

Suave melodia.

E saboreei cada segundo.

Os que viveram sob a luz do perdão desconheciam o êxtase ensombrecido e libertador da vingança.

— Po-por favor — implorou quase sem voz. — Mate-me!

Admirei-me que ele pudesse falar. Devia ter-lhe exigido um esforço extraordinário.

Dei-lhe um tapa. Imediatamente, arrependi-me, enojada por havê-lo tocado. Esfreguei a mão em minha capa de chuva.

— Morte? A morte é o descanso, uma recompensa — sussurrei, completamente encharcada, apesar da capa. — E você não a merece. Hoje não.

Dai por diante, ignorei completamente suas lamúrias, impedindo-o de desacordar.

Foi o escrever de um poema em sangue, desespero e lágrimas. Uma epopéia.

Por fim, terminei.

Observei aquele destroço — um monte de carne ainda vivo —, uma última vez. Cuspi-lhe. Então, segui as luzes solitárias a pontilhar meu caminho sem olhar para trás.

Vazia.

Exaurida.

Satisfeita.

O aguaceiro prosseguiu madrugada adentro, negando as estrelas.

Ruas frias e desertas.

A escuridão sem rosto ou piedade.

Árvores farfalhando assustadoramente.

Lâmpadas de mercúrio cintilando para ninguém.

E, enquanto eu caminhava, imaginei a reação das pessoas — principalmente daquele jornaleiro —, à nova e extensa manchete que, em breve, sairia nos jornais:

“Violentador dos Jardins’ castra a si próprio, arranca seus olhos e empala-se até a cintura na grade de um canteiro”.

Se o meu julgamento não fosse errôneo, a notícia despertaria algum sorriso, comentários obscenos e nada mais.

Curioso: se o miserável não estivesse longe de sua área habitual de atuação, não teria sido apanhado.

A isso, eu só posso chamar de destino.

Eu não gosto de fumar e estou fumando...

Há um gosto amargo na boca. Sim, ela fede.

Sorriso um sorriso sem maquiagem e sem sal.

Tento matar uma parte de mim mesma ou àquele espírito estranho dentro de minha alma?

Quem poderá dizer?

Restam inúmeras perguntas.

Resta a minha aflição pelas respostas.

Sopro a derradeira fumaça através de minha janela: redemoinhos, vultos, forma nenhuma. Ela dispersa-se rapidamente. Queria muito estar em seu lugar agora.

O vento me chama. Diz meu nome.

A ventania.

A chuva.

A noite.

Observo as luzes distantes mais abaixo e dos outros edifícios mais além. O trânsito diminui, mas nunca pára. Um mundo insone de um tempo de pesadelos.

Dou um piparote na bituca e ela some do jeito que eu gostaria que minhas dúvidas desaparecessem.

Enquanto eu acabava com o desgraçado, sua mente arreganhada para a minha, eu vi. Vi seu pai, um alcoólatra. Vi sua mãe, uma ex-prostituta. Vi os espancamentos a que era submetido no barraco, naquela vida sem qualquer esperança, até o dia em que, ainda garoto, fugira de casa e fora para as ruas. Vi-o dormir sob pontes e bancos de praça, pedir esmolas, apanhar de outros mendigos, ser roubado, violado até. Vi-o crescer, encorpar-se, passar a bater em

vez de ser surrado. Senti seu ódio pelas pessoas de posse que atravessavam seu caminho com olhares de repulsa e pouco caso. Vi-o cometer o seu primeiro crime e regozijar-se diante do medo que inspirara, a sensação de dominação, e assim por diante. Vi tudo isso e muito mais, todavia, fiz de tudo para ignorar e concentrar-me em meu próprio ódio a queimar-me por dentro. A vazão que seu "monstro" encontrara talvez não seja pior do que aquela que eu fiz liberar no meu. Agora, eu posso pensar nisso. Naquele momento, desejei apenas destruí-lo.

O que eu sou?

Não, eu não sou uma super-heroína, uma heroína sequer. Sou uma criatura vulgar de uma natureza incomum. Fruto do acaso ou do destino, de um tiriteiro que aprontou das suas em um instante de humor negro.

Não posso carregar o mundo nos ombros e nem o quero. O mundo é um lavrador e colherá aquilo que plantar, afinal, fez por merecer, empenhou-se por isso. "Meritocracia", não é assim que chamam?

Eu tenho a mim própria para suportar e o meu destino que, até onde pressinto, nunca alcançará um fim.

Sou filha do tempo, do Todo e do Tudo. Fruto da partenogênese e do Big Bang. Entretanto, até onde sei, não há criatura que sinta-se tão irremediavelmente só quanto eu.

Ah, escuridão... Ainda escondendo segredos lascivos e o cintilar trêmulo de uma lâmina na mão.

Sinto-me inquieta.

Inspiro o ar frio.

Somente...

... Só, mente.

Sorrio de mim própria sem
qualquer alegria.

— Louca...

Meu nome é Sisi, aquela que, em
criança, atraía os pássaros feito mariposas
ao redor de uma lâmpada. Segundo a
minha mãe, esse nome foi-lhe sussurrado
pelo vento antes de eu nascer.

"Siisiiii..."

Sim, haja imaginação.

Vejo a luz de um aerocarro
distante no céu. Não passa de uma estrela
errante sem uma constelação para
pousar. Como seria viajar em um deles,
sair da atmosfera e atravessar o espaço
sem fim?

Esta é somente mais uma noite
insana em um mundo sem juízo.

Relembro novamente o farrapo
humano que deixei fincado naquele ferro.

Revejo os horrores que ele fez e o
prazer que sentiu.

Vejo o pavor de minha mãe
através de seus olhos.

Sem perceber, lágrimas teimosas
finalmente caem.

Minhas mãos tremem.

— Mãe — murmuro às luzes
longínquas. — Mãe...

Que sua alma torturada, agora,
tenha encontrado a paz.

Algum dia, espero encontrá-la
também.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

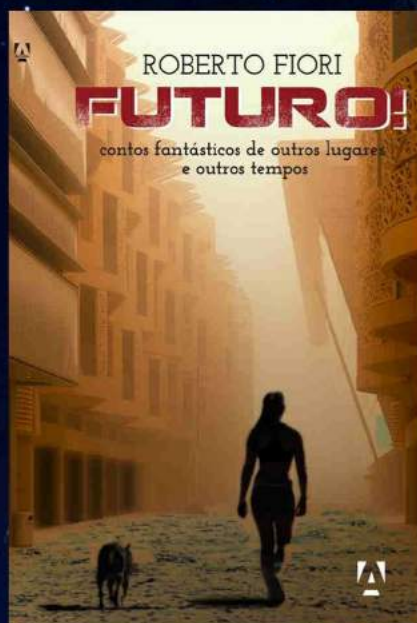
http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



ENTRELAÇADO EM AZUL

por Gilmar Duarte Rocha

Conto

Saio numa manhã de sol opaco pelas carreiras nevoentas da grande cidade sombria. Os prédios incolores se entrelaçam nas nuvens cinzentas e um frio dolorido invade a minha alma.

Dobro duas esquinas e procuro pelo Al Gourmet, que ficava bem próximo ao museu de cera de madame Barthez.

Vejo o museu em escombros, em processo de demolição, onde um grupo de operários de uma empresa de longos guindastes esmaga o velho prédio com um furor impressionante.

Vejo placas de madeira com palavras sem nexos na porta de entrada do subsolo do

velho prédio onde funcionava o Al Gourmet.

Atravesso as teias de aranha entrelaçadas na porta de ferro cru sem senti-las a maciez.

Vejo ao fundo, onde ficava o balcão americano, um monte de maltrapilhos, andrajosos e disformes, sentados lado a lado, compartilhando um enorme cigarro de erva vagabunda e mal curada.

Mais ao fundo, nas prateleiras, algumas garrafas vazias de uísque e de rum ainda persistem. O velho pôster da Torre Eiffel permanece colado à prateleira lateral. Os dândis e as moiselles que circulam em

volta da base do velho monumento parecem zumbis e fantasmas desbotados. No outro lado do bar, onde mesinhas se espremiavam em torno de um pequeno palco em forma de queijo, que outrora pessoas das mais diversas classes, mas de gosto musical uniforme, sentavam-se à espera da eficiente banda de jazz, jaz agora apenas uma cadeira quebrada. A semiescuridão permeia em quase todo o ambiente, contrapondo com a luz tênue, multicor e magnética dos tempos em que eu frequentava aquele lugar.

Mas a figura que imaginava encontrar ali, não estava: Louise. A minha Louise. Quantas vezes trocamos olhares, carícias, juras de amor, sopros cálidos no pescoço, ouvindo o estilhaçar dos metais do som de New Orleans. Depois, às altas horas, quando sobrava um pouco mais de espaço no salão, levantávamos e ensaiávamos passos em perfeita sincronia.

Ao raiar do crepúsculo, saíamos extasiados pelas ruas mortas e íamos parar invariavelmente no velho hotel de três andares, na rua lateral à grande avenida.

Amávamos enquanto a nossa alma atendia, porque o corpo há muito já dera sinal de cansaço. E dormíamos e amávamos e dançávamos e bebíamos e dormíamos e amávamos...

Saio do que restava do Al Gourmet com a alma ainda mais despedaçada.

Rodo sem sentido uns quatro quarteirões e vou parar numa ladeira íngreme, declive em quase noventa graus, cujo final vai dar numa murada que delimita a baía.

Chego na murada e contemplo a vastidão bronze do mar. Não vejo gaivotas, albatrozes, nem barcos, nem iates. Só vejo enormes ondas despejando detritos

disformes na areia de cascalho logo abaixo da murada.

Olho para um lado próximo do pé do muro e vejo um braço brotando do arenoso e os dedos das mãos balançam, acenam como que pedindo ajuda. O resto do corpo está imerso na areia. E me lembrei de Louise, exatamente no dia em que velejávamos tangenciando a costa verdejante; completamente nus em cima do convés, trocando beijos calorosos sob o auspício de um sol abrasivo e um céu azul diamante completamente isento de nuvens.

Chegando perto do cais, o tempo mudou repentinamente, as ondas tornaram-se bruscas e revoltas, perdermos o controle do barco, que ficou à deriva durante muito tempo. E uma chuva fina e intermitente pairava sobre nossas cabeças e numa das piruetas da embarcação batemos contra um recife e minha amada foi arremessada ao mar e eu entrei em desespero.

A chuva cortante associada a uma bruma pesada atrapalhava a minha visão; corria como barata tonta de um lado ao outro do barco tentando enxergar a moça. De repente vi um braço branco estendido para fora do vagalhão: era ela. Urgia que eu pulasse na água e eu pulei. Busquei forças no âmagô e nadei furando as vagas e os turbilhões com a mira fixa no braço branco que parecia desaparecer cada vez mais no revés daquele turbilhão...

— Louise, Louise! — grito e depois pulo o alambrado de cimento, despencando na areia. Corro desesperado até o ponto onde o braço balança na areia como um pêndulo.

Puxo o braço com força e não consigo alavancar o corpo um milímetro sequer. Torno a puxar com mais força e o braço se desprende. Solta-se do corpo! Mas isso

não é um braço. É uma cruz, um madeiro. Fico alucinado. Pego a cruz e corro feito louco pela areia de uma praia que parece nunca ter fim.

Ao longe, já escurecendo, vejo uma estreita restinga que liga a costa até um lugar encravado num imenso penhasco. Corro com todos os pulmões até esse lugar procurando não olhar para trás, pois atrás vem um turbilhão de água encobrindo a restinga e me isolando cada vez mais da cidade vazia.

Acima, o céu clareia; mil luas despontam no firmamento; um grito dilacerante ecoa de sul a norte.

Então vislumbro um castelo no alto penhasco e o castelo me remete à Alsácia-Lorena, mais precisamente na fronteira entre a Alemanha e a França, o lugar onde eu encontrei Louise pela primeira vez. Ela, mulher do embaixador do Brasil na França, em regime de férias naquele paradisíaco lugar. Eu, um mero escriba, perdido nos quarenta e poucos anos, cheio de incertezas, bem como de esperanças. Correndo o mundo em busca de alguma razão de viver. E a razão de viver havia chegado: Louise. Sim. Amor à primeira vista! Aconteceu! Sim, aconteceu e como aconteceu.

Amamos enlouquecidamente em todas as plagas da velha Gália. Dos Alpes à Normandia; da Riviera à Alsácia. Isle de France. Paris. O Sena. Quartier Latin. O Al Gourmet.

Mas, um triste dia, fomos descobertos. Estupraram o nosso amor. Fui banido da França. Enxotado. Expulso como um rato contaminado pela praga do Oran de Camus. Com muita dificuldade consegui voltar ao meu país. Estava realmente contaminado: contaminado de amor. Escrevia cartas, poemas, loas, odes e enviava à minha amada na França. Não

sabia se ela recebia as missivas; mas não me importava, continuava contaminado e inspirado. Construí um poema em versos alexandrinos de mais de duas mil páginas. Enrolei-o em forma de papiro e o remeti para a embaixada na França, tendo antes o cuidado de camuflar o nome do remetente com sendo a primeira dama da República do Brasil, que em sinal de amizade à embaixatriz, mandava-lhe cortes de fazendas de raro primor. O ardil deu certo: um mês depois recebi uma carta dela prometendo-me um encontro no verão que estava por vir. Conte religiosamente os milhares de minutos até a chegada dela em Cartagena. Amamos como loucos; como animais – nas pedras, na relva, na sombra das palmeiras, no leito da água verde de corais, no quiosque de telhado de palmeira seca de mestre Azulou, ao som dos atabaques crioulos, dos cânticos dolentes.

Numa noite quente após um louco amor ardente, acordei e não vi Louise. Não a veria mais desde então. Acordei desesperado e saí arrombando a porta da cabana. Sob o calor escaldante e o mormaço da madrugada, deparei com quatro figuras sinistras, no meio de uma aleia escura repleta de palmeiras. Eram criaturas vis, nativos celerados, de paus e porretes nas mãos armados. Senti o primeiro braço subir e minha visão começou a ficar escura; meu corpo a tremer, tudo se apagou. “Ces’t fini. Le embasseur”, a última frase que ouvi. Quando chego à porta do castelo no topo do rochedo vejo dois querubins batendo as asas como colibri. A porta pesada abre-se automaticamente. O interior do castelo é idêntico ao da Alsácia: muitos candelabros de luzes de velas multicores; paredes sólidas de

pedras largas e ásperas, de um marrom achocolatado, que se transmuta em ébano quando é visitado pela luz solar. Adentro no castelo e sinto um frio mortal, cortante. Vejo ao fundo a longa escada sinuosa que dá acesso ao pavimento superior de quase cem camarinhas. Não vejo Alberto, o mordomo italiano, de largo sorriso, careca vasta e olhos verdes reluzentes; sempre com uma taça do melhor vinho francês na mão. O grande cupido do nosso *affair*. “S’il vous plaît, monsieur”. Grande Alberto! Sempre levando recados do castelo até o albergue onde eu me instalava. E vice-versa.

Subo a escadaria, cujo corrimão parece distanciar-se na medida em que demando apoio na subida. Olhos para os degraus e os vejo ficar cada vez mais estreitos. Tenho que andar nas pontas dos pés. Dez horas depois chego ao corredor principal de mais de vinte quartos. Ao fundo, o quarto de porta lilás, que eu costumava assaltar nas noites frias em busca do calor terno de minha amada. Abro a porta e vejo o dossel outrora

fornado com lençol de seda vermelha e dourada. O ninho do amor continua inalterado. Mas ela não se encontra. De repente o piso de madeira lustrosa do castelo começa a tremer, e os tacos a se soltar, e o chão a se abrir, e um vácuo imenso aparece debaixo de mim e eu caio no buraco abissal. Desço flutuando numa cratera de uma escuridão sem fim; desço; desço e caio e num monte de terra fofa, escura, cheio de estrumes. Fico deitado, estático, com a cabeça ereta olhando o vazio de terra acima de mim.

Eis que de repente o muro de terra acima parece se abrir e vejo finalmente Louise, com os olhos tristonhos, a face pálida, embora mais linda do que nunca. E pela primeira vez enxergo cores – o vestido estampado de Louise; os seus longos cabelos loiros; a relva verde bem torneada que cerca o lugar onde ela encontra-se ajoelhada; a sua mão de tez branca como neve sem o anel do compromisso conjugal; e na outra mão um buquê de flores amarelas, vermelhas, brancas, azuis... E ela deposita as flores na laje fria sete palmos acima de mim...

Gilmar Duarte Rocha, escritor brasileiro, nascido na região cacauceira da Bahia, autor de obras de ficção, livro de impressões de viagem, artigos, crônicas e coletâneas publicadas em diversas revistas literárias, propõe-se a criar um novo estilo de fabulações, juntamente com outros artistas que conjugam do mesmo pensamento.

Integrante da ANE-Associação Nacional de Escritores e IWA-Associação Internacional de Escritores, sediada em Ohio, Estados Unidos, está aberto a ideias que promovam uma maior integração da sociedade com os livros e com a mídia de ficção de forma ampla. Nosso objetivo maior è trazer uma gama de milhões de brasileiros para o universo literário.

Gilmar tem formação em Engenharia de Sistemas, Tecnologia da Informação, Economia e Contabilidade.



LOBA

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

“*Também te amo...*”
Passou-se mais de um ano de sua ausência e ainda sinto um vazio à sua lembrança.

Creio que todos que já tiveram um animal de estimação — sendo "animal" um termo um tanto injusto, depreciativo, e, "estimação", muito pobre para descrever o sentimento envolvido — poderão compreender. Os demais darão de ombros naquela atitude de frieza, soberba e estupidez típica do grosso da humanidade.

E eu murmuro o nome dela algumas vezes, sempre que passo defronte a uma casa onde observo um

cão de guarda do outro lado do muro ou da grade.

A recordação é imediata.

— Loba...

Na maior parte das vezes, diante de um estranho, o cão aproxima-se rapidamente em atitude agressiva. Late e rosna tanto a ponto da baba escorrer pelos cantos da boca ou a dona — ou dono — aparecer para procurar saber do que se trata, trazendo no semblante a contrariedade de quem está sendo incomodado.

Não, não sou um vendedor.

Não, não sou um ladrão.

Não, não quero nada.

Sou apenas um pedestre em um mundo povoado por carros voadores e naves estelares.

Sou um anacronismo carcomido e ultrapassado cujos sentimentos por outrora não encontram eco ou espaço na frieza veloz e de olhar adiante ou para o alto de hoje em dia. As pessoas vivem sempre mais além, a avançar e avançar, sem tempo, vontade ou sensibilidade para diminuir o passo e perceber as pegadas que deixaram.

O cão late.

— A Loba se foi — eu digo.

A maioria dos cães continua a rosnar ferozmente, obrigando-me a seguir caminho. Porém, em alguns casos — raros, a bem da verdade —, o cão de guarda pára subitamente. Olha-me diretamente nos olhos e, como se lesse a minha dor, a minha tristeza, a minha saudade, cala-se, baixa a cabeça e afasta-se, emitindo um ganido. Em um caso excepcional, um deles — um enorme *rottweiler* — deixou de latir para, encostando sua cabeça à grade do quintal, lamber-me a mão.

— Você me compreende, não é? — sussurrei junto ao seu ouvido.

E ele fitou-me nos olhos de um modo tão profundo que eu só pude interpretar como empatia e compaixão. Ele conhecia a Loba, dos inúmeros passeios que eu dera com ela nas proximidades. E o *rottweiler* sempre rosnara para ela e bufara daquele jeito estranho que todos os cães dessa raça faziam. A Loba, por seu turno, esticava a guia roliça aos trancos e ao máximo, quase fazendo-me cair — bem, em duas ocasiões, eu caíra de fato —, afoita por retribuir a "gentileza". Dessa vez, não houve rosnar e nem bufar após eu contar-lhe sobre a minha perda. Não

imaginava que, no fundo, o *rottweiler* gostasse dela e desses confrontos fingidos.

Entretanto, ele não se traiu.

Não obstante, ao vê-lo afastar-se cabisbaixo naquele dia, murmurei para mim mesmo:

— Sim, eu sei, você compreende.

Dizia-se na loja ser uma pastor belga, toda pretinha e sedosa, porém, havia controvérsias. Mas isso importava? De modo algum.

Ah, sim, inúmeras campanhas afirmavam-se contra o comércio de animais. Não serei eu a contrariá-las, entretanto, quando minha esposa, passando em frente à loja de produtos agropecuários, viu aquela cachorrinha, uma filhote amedrontada, trancafiada em uma gaiola já pequena demais para o seu tamanho, muito magra e de olhos inseguros, não teve dúvida alguma. O quê poderia ser feito? Arrombar o estabelecimento na calada da noite para libertá-la como faziam os ecoterroristas? Deixá-la morrer como inevitavelmente aconteceria, pois, verificou-se mais tarde, encontrava-se doente, com gastroenterite?

Soubemos depois que ela já fora comprada e devolvida outras vezes.

Vimos que possuía um dedo a mais em uma pata — ou seria um dedo a menos na outra? —, provavelmente, resultado de cruzamentos consanguíneos.

Seus pêlos tinham a tendência de formar tufos atrás da cabeça e nos quadris, tão compactos e emaranhados quanto um penteado rastafari.

Alimentava-se de ração feito uma desesperada, um aspirador de pó, em

menos de um minuto, como se tivesse passado fome durante muito tempo.

Seu comportamento, mesmo depois de adulta, era infantil, bem como a sua inocência e delicadeza para conosco.

Por obra do acaso ou de um destino tardio. Minha esposa livrou a infeliz de seu cativo. E retornando para casa na companhia de meu cunhado, logo perceberam que ela não estava bem. Deram-se conta da pior maneira. Talvez devido ao movimento do carro, somado à doença, a Loba teve uma violenta diarreia no banco de trás...

Eu estava trabalhando na ocasião, mas posso dizer, um tanto dubiamente, que gostaria de ter estado lá. Digo isso porque o meu cunhado não era chegado a animais e só fora por insistência da irmã. Tinha um certo rigor em questões de higiene, o que fazia meu sogro — sem qualquer dessas afetações — afirmar que o filho era nojento, fosse por ser exagerado ao sentir nojo, fosse porque meu sogro achasse suas "frescuras" nojentas em si. Agora, imagine-se ele, meu cunhado, no banco de trás com o filhote, cheio de não-me-toques, e, de repente, a criaturinha esguichar para todos os lados aquele líquido marrom e fétido como se fosse um aerógrafo? Em que pese o sofrimento da cachorrinha, a expressão de pavor de meu cunhado teria sido um espetáculo de valer a pena... Ah, como eu sou cruel!

Ela ficou um tempo internada em uma clínica veterinária onde raspavam-lhe uma das patinhas para a aplicação de soro. Dava pena de ver. Felizmente, sua determinação venceu e ela sarou.

Recebeu, conforme já é sabido, o nome de Loba.

A princípio, mantinha o semblante tristonho; medrosa, muito tímida e fraca que estava, encolhida em um canto como se esperasse fundir-se à parede. Levou dias a habituar-se, perceber a sinceridade do carinho, ganhar peso, familiarizar-se com todo o espaço que tinha a disposição para correr e pular. Era como se a gaiolinha continuasse a existir ao seu redor.

E foi uma alegria imensa quando, certo dia, ouvimos seus latidos junto ao portão por causa de algo que passara na rua diante de casa e ela estranhara. Indicava que, enfim, a Lobinha considerava a nossa casa como sendo sua também, o seu território, o seu lar.

Todavia, por maior que se tornasse — e ela ficou "gigante" —, o costume adquirido na gaiola, de encostar-se à parede, nunca a abandonou.

Vale uma pequena retrospectiva histórica.

Através dos séculos e milênios, moldamos os cães a nossa imagem e semelhança. Isso ocorreu desde que os seus ancestrais lupinos rondaram as fogueiras atrás de restos de comida ou quando um filhotinho órfão, em vez de servir de alimento, foi adotado por alguém que não pôde resistir àquele olhar indefeso.

Inicialmente, foram nossos guarda-costas, assistentes nas caçadas, vigias contra intrusos e feras.

Fizemos cruzamentos, separamos qualidades físicas e comportamentais que mais nos covinham. Surgiram as diferentes raças, cada vez mais ramificadas.

Tornaram-se, então, nossos melhores amigos, embora a recíproca quase nunca fosse verdadeira. Sempre demonstraram ser muito melhores do que jamais fomos ou seríamos. Ao longo dos milênios, exibiram qualidades que muito idealizamos para nós e nossos semelhantes, mas raramente encontramos, e, no entanto, tais virtudes são parte profunda da natureza dos cães.

Quanto a mencionada "reciprocidade", posso recordar-me de antigos relatos da II Guerra Mundial, quando os cães foram adestrados para correrem para baixo dos tanques, onde, durante o treinamento, encontravam alguma apetitosa guloseima. Então, soltos nos campos de batalha, corriam animados até o tanque inimigo e lá, como recompensa, em vez do petisco, era detonada remotamente a carga explosiva que levavam às costas.

E quanto a cadelinha Laika, o primeiro ser vivo lançado ao espaço? Desde o princípio, ela, cujo nome, em verdade, era Kudriavka¹ — "Crespinha" — estava condenada, pois não havia tecnologia para trazê-la de volta sã e salva. E, talvez, nem fosse considerado prioridade, face as circunstâncias, em plena Guerra Fria. Sobre a real causa de sua morte, já li em algum lugar², inclusive, que, após uma semana de suplício em seu esquife metálico, foi-lhe aplicada uma injeção letal. Outra versão³ menciona que teria perecido cerca de seis horas após o lançamento do Sputnik 2,

¹ De acordo com uma pequena matéria publicada na "Folha de S. Paulo" em 01.11.1987, sendo que Laika, na verdade, seria uma raça de cão esquimó.

² "Foguetes e Mísseis" (*Rockets & Missiles*), de John W. R. Taylor, Edições Melhoramentos, vol. 3, Série Prisma, 1974, pág. 82.

³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Laika>

devido ao estresse e uma falha no controle de temperatura. Seja qual for a verdade, creio que, se ela tivesse podido escolher, teria preferido a obscura velhice no colo de alguém que realmente a amasse à notoriedade de uma inaugural viagem sem volta.

Eu não quero nem pensar naqueles países nos quais os cachorros constituem parte do cardápio. "Diferenças culturais", diriam. Eu sei, porém, ainda assim...

Por fim, penso nos inúmeros exemplos da lealdade canina como a de um cão japonês chamado Hachiko, cujo dono faleceu e ele continuou a aguardar seu retorno até o término de sua própria vida. E aqueles que salvam vidas durante terremotos e deslizamentos; ou arriscam as suas, auxiliando os policiais. Outros a guiar as pessoas cegas em segurança pelas ruas. E aqueles que, simplesmente, são os primeiros a nos receberem num alegre abanar de cauda e os últimos a se despedirem na porta de nossa casa, orelhas baixas de tristeza.

Apesar de tantos pesares, em tempos mais recentes, os cães passaram de melhores amigos para transformarem-se em nossos "filhos". Isso foi, talvez, um reflexo — ou doença — de nossa sociedade atual, caracterizada por tantos avanços tecnológicos em contraposição a uma carência cada vez maior de humanidade, naquilo que de positivo esse termo pudesse ter. Depositamos nossas carências feito um fardo sobre os ombros dessas admiráveis criaturas que sequer ombros possuíam.

Ao longo de incontáveis gerações, moldamos os cães à nossa imagem e

semelhança, ou, pelo menos, tornando realidade neles àquilo que, para nós, continua a ser um ideal, uma exceção.

"Moldamos"?

O mais certo seria dizer que, quando muito, realçamos as suas qualidades originais, seus méritos próprios, sua nata dedicação.

O que eu sei é que eu tive a minha cachorrinha e, confesso, a minha "filha".

Loba.

Vi-a crescer, peralta como só ela sabia ser. Muito "cocola", muito apegada e extremamente carinhosa. Brincávamos, passeávamos. Ela sempre disposta a receber um agrado, a ouvir minhas palavras, a fitar-me com aquele olhar capaz de derreter um *iceberg*.

Ainda pequena, saltava repetidas vezes do outro lado da janela da cozinha, tentando olhar para dentro. Era como se tivesse molas nas patinhas. E eu dizia a minha esposa:

— É o "Show da Loba"!

E ríamos.

E, já adulta e enorme, quando, por algum motivo, eu ralhava com ela, em vez de zangar-se e rosar para mim, a Loba choramingava, sentida.

Uma eterna criança, uma menina em meio aos seus brinquedos.

Tão meiga para conosco quanto furiosa — ou medrosa — era para com os estranhos.

Ah, mas o tempo passou...

... A vida deles é tão curtinha!

A idade pesou sobre ela, tão ou mais quanto as nossas carências que fizemo-la carregar.

O pêlo, tão pretinho e lustroso, ganhou mechas brancas próximas ao focinho e, no geral, perdeu o brilho. O semblante, geralmente vivaz, voltou a ser

tomado pela tristeza de quando era pequenina. Não, nem tanto de tristeza, mas de um sofrimento contido.

Dores nas articulações.

Apesar disso, sempre lambia-me as mãos, sempre olhava-me ternamente.

Todavia, seus gemidos e, às vezes, latidos lancinantes quando tentava levantar-se, traíram-na.

Não obstante os medicamentos, o mais forte deles a base de morfina, chegou num ponto em que ela mal conseguia levantar-se. Sujava-se toda ao fazer as necessidades. Logo ela que sempre fora tão pudica, procurando um cantinho de terra no jardim. Morria de vergonha quando, sem ter conseguido segurar-se a tempo, acabava fazendo no piso cimentado. Dava-lhe banhos diários, por vezes, seus pêlos sequer conseguiam secar-se direito.

O veterinário — um jovem de descendência oriental chamado Fernando — procurava tratá-la da melhor forma, entretanto, ele, tanto ou mais do que eu, sabia que somente adiaava o inadiável.

Uma manhã, descobri-a em sua casinha, deitada, prostrada, em meio a própria urina e fezes.

— Não, meu Deus, não... — murmurei para ela, para comigo mesmo. — Você não merece isso. De jeito algum, você não merece isso!

Retirei-a daquela poça inominável e dei-lhe mais um banho da melhor maneira possível.

Entrei em contato com o Dr. Fernando e, de coração partido, pedi-lhe que abreviasse o sofrimento da Loba.

Ele examinou-a, ouviu meu relato e, contrariamente a sua vontade tanto quanto a minha, concordou que não havia mais jeito.

Deu-me um tempo a sós com ela.

A Loba, em sua infinita inteligência e ternura, mirou-me fundo nos olhos. Foi como se entendesse. Lambeu-me gentilmente a mão, a exemplo de tantas e tantas vezes, deitada de lado num canto da parede do quintal de onde não conseguia mais levantar-se, sim, ainda encostada à parede como naquela gaiola de tantos anos atrás.

Despedia-se.

— "Mi amore", "mi amore",
minha "queriduche", minha cocolinha...

O que mais eu poderia dizer?

Agradei aos céus por minha esposa não estar presente nesse momento doloroso. Fora visitar a mãe viúva em outra cidade.

O veterinário retornou. Iniciou os procedimentos. Deu-lhe a anestesia geral.

Imediatamente, o corpanzil da Lobinha relaxou, finalmente liberta da dor. Expirou profundamente, de alívio. Senti-me aliviado por ela também.

Antes de chegar a vez da injeção letal, aproximei minha cabeça da dela.

Em sua orelha mais próxima, sussurrei, cego pelo pesar, antecipando a saudade, lembrando em segundos, senão todos os momentos juntos, ao menos aqueles mais significativos:

— Eu te amo!

E fui repetindo feito autômato, sem importar-me com as lágrimas:

— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!...

A injeção foi aplicada.

O silêncio caiu pesado feito concreto, quebrado a intervalos pelos meus soluços.

Dr. Fernando afastou-se respeitosamente por um momento.

Então, ainda próximo dela, ouvindo sua respiração pesada transformar-se em um suspiro quase

inaudível, sentindo seu corpo quente em minhas mãos, escutei baixinho:

— *Também te amo.*

E ela se foi.

Senti-me paralisado pelo assombro.

O veterinário retornou. Nada ouvira. E, se tivesse escutado, eu não me importaria em obter ou não a sua confirmação.

Eu ouvira. Tinha certeza.

E era tudo o que eu precisava saber.

Fiquei ali parado por um tempo que me pareceu uma eternidade.

O jovem de ascendência oriental foi paciente. Estava familiarizado a essa cena, jamais acostumado, pois, afinal, mais do que tudo, ele amava os animais. De todo o seu ofício, esse era o pior momento.

Ao tentar ergue-la, sua cabeça pendente bateu contra a parede.

Acariciei-a rapidamente num gesto instintivo e inútil.

— Oh, tadinha, tadinha! — falei para ela, já distante demais para ouvir.

Vi-o levá-la em seu veículo, de onde ela iria para o crematório.

O aerocarro partiu numa espiral rumo ao céu.

Fiquei ali na calçada de casa, absorto, angustiado, completamente atônito.

"Também te amo..."

Essas três palavras nunca mais me abandonaram.

Cheguei a enviar uma mensagem de agradecimento ao jovem veterinário. Era o mínimo. Ele não conseguira me

enganar: eu vira a umidade no canto de seus olhos.

O meu agradecimento, Dr. Fernando, pela dedicação, paciência e capacidade ao proporcionar a nossa "filha peluda", Loba, uma passagem tranquila, finalmente livre de todo o sofrimento que ela jamais fez por merecer.

Se os anjos existem, nós tivemos a dádiva de conviver por quase treze anos com um deles. Agora, ela retornou para sua verdadeira morada. Está livre, correndo e saltitando em algum lugar onde a dor não existe e a serenidade é o bem maior e justo.

Sempre a amaremos.

Durante milênios, criamo-los à nossa imagem e semelhança; segundo o nosso ideal, pelo menos.

Brincamos de Deus.

Cruzamento após cruzamento.

Seleção após seleção.

Gene após gene.

Todavia, não fazemos a menor idéia de quão profunda foi essa transformação desde os lobos selvagens rondando as fogueiras na Idade da Pedra. Não apenas externamente, mas em seu interior no que de mais profundo isso possa se referir.

Eu diria alma. Sim, alma.

Refleti inúmeras vezes sobre o quanto perdemos, eu e minha "filha", por ela ter feito segredo de seu extraordinário dom. Decerto, inteligente como era, temia as consequências. Não para si, mas para para mim e minha esposa.

"Também te amo..."

Desde então, todas as vezes que um cão cruza o meu caminho, lanço-lhe um olhar do tipo: "Eu sei que você

sabe!" Porém, eles são muito bons em disfarçar. São mais sensíveis e espertos do que nós em muitos aspectos. Sempre foram. Ora abanam-me o rabo, ora fazem-se de bobinhos, ora latem de forma hostil, como aquele enome *rottweiler* fizera antes de eu mencionar-lhe a minha perda.

Tento compreender o silêncio do afeto da Loba durante todos aqueles anos, o quanto deve ter sido duro para ela manter sigilo e a enormidade do que representou a sua primeira e derradeira frase.

"Também te amo..."

Nunca falei sobre isso a minha esposa a fim de poupá-la de uma dor maior. Por vezes, aquilo que jamais tivemos pode machucar mais do que o que foi perdido.

"Também te amo..."

Não, novamente, eu não consigo segurar as lágrimas.

Lá está ela, pequenina, de patinha raspada.

Lá está ela, afoita, devorando sua ração feito uma desesperada.

Lá está ela, toda cheia de energia, fazendo seu passeio no terreno baldio próximo.

Lá está ela, já velhinha...

... Lá está ela.

Minha "cocolucha"... "Mi amore"... "Princesinha".

E sua voz:

"Também te amo..."

Ecoa e ecoa em minha mente de uma tarde distante.

Escondo o meu rosto entre as mãos.

— Eu sei... Meu Deus, como eu sei!

LOBA

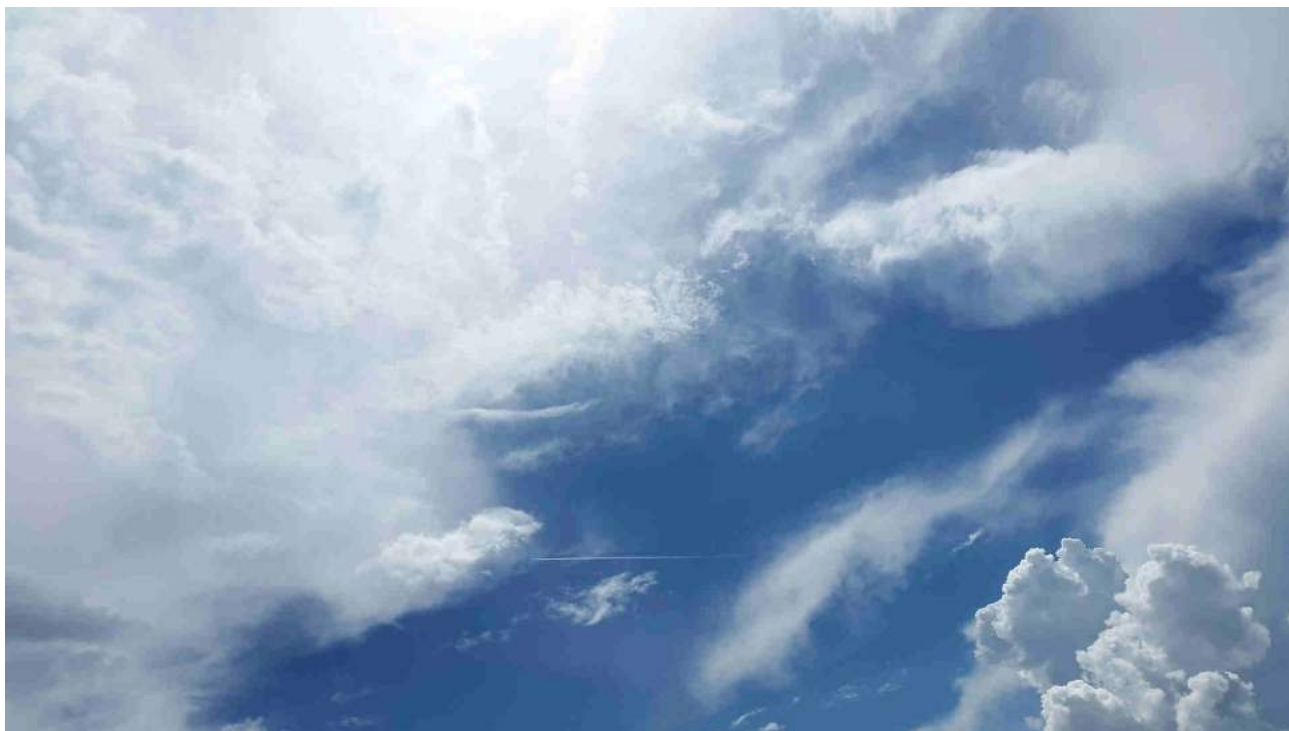
*Se o vento pudesse
 para longe a dor levar
 tão rápido quanto
 as memórias custam a passar,
 será que, de fato,
 eu conseguiria escolher
 abandonar tudo o que de bom
 me fez te conhecer?
 Adeus, minha pequena,
 para sempre tão querida.
 Obrigado por sua luz
 enriquecer a minha vida.*

NOTA DO AUTOR:

Escrevi "Sheik e Adam"⁴ a fim de homenagear os "filhotes peludos". Minha sobrinha coruja, Mayumi Schima Mathias, escreveu-me: "Essa linda história tem q ter continuação". Respondi: "Será ki guento, Mayinha? O 'problema' é que, por mais feliz que seja a história, o final não tem como não ser triste, pois a vida deles é tão curta..." E, na ocasião, eu não procurei pensar nisso. Porém, a Lobinha - que teve uma participaçãozinha mínima, também merecia algo semelhante. Este é o resultado. Muito do que foi escrito é ficção ou foi alterado, todavia, o sentimento é genuíno. Foi a forma que eu encontrei para lembrar, juntamente com minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima, aqueles anos junto à nossa "filha peluda". Tentamos ser bons "pais" para ela, mas sei que, face a sua maravilhosa natureza, estivemos muito aquém do suficiente para retribuir. Espero sim que ela esteja bem e feliz em algum lugar. E sim, eu sempre a amarei. Como escrevi à minha sobrinha, o final, infelizmente, não tem como não ser triste... Também foi um jeito de agradecer ao Dr. Fernando Hideki Kumano por sua dedicação e por ter possibilitado à Loba uma passagem serena. Os versos finais foram escritos pouco depois dela partir, ao som de "Men of Honor"⁵, de Two Steps From Hell. Para mim, essa música passou a representar uma espécie de hino ou tema de despedida em relação à Loba. Honra ela teve de sobra.

⁴ Conexão Literatura nº 44; http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura44.pdf

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=v44_k-RDKl4



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



COSTANZA

por Míriam Santiago

Conto

Costanza se deixava encantar. Dela não se esperava muito além do que as crianças de sua idade normalmente estão acostumadas a fazer em seu pouco tempo na terra, e aprendem desde cedo que nada é mar de rosas, pois o cotidiano está presente na vida de todos os seres humanos e nos animais de estimação, que são doutrinados a cumprirem regras de convivência. Conheci Costanza num shopping em São Paulo, Iguatemi, quando passeava e vi Gladys minha amiga de faculdade passar com uma linda criança. O que me

chamou a atenção é que Gladys estava casada há muitos anos e nunca desejou a maternidade.

Ao me aproximar ela logo me reconheceu, passamos uma tarde lembrando o tempo de faculdade, os planos para o futuro de nossas profissões quando todos da turma fizemos votos de sempre nos encontrarmos, mas com a vida agitada só nos vimos duas vezes e depois cada colega seguiu seu caminho, eu consegui estágio e depois me classificar em concurso logo após a prova da OAB, assim como Gladys, mas alguns

amigos não tiveram a mesma sorte e não conseguiram atuar na área.

Ao decorrer da conversa, a surpresa seria a filha de Gladys, pois minha amiga já estava com idade avançada para gestação, já que na época da graduação ela tinha dez anos ou mais de minha idade.

— Você deve estar se perguntando sobre a Costanza, não?

— Sim Gladys —, respondi.

— É uma longa história, já que sempre fui contra o desperdício de tempo com crianças e até parece que roguei uma praga a mim mesma —, disse sorrindo.

— Ela tem o que, cinco, seis anos?

— Isso mesmo, seis anos.

Olhei para ela e nem parecia e mesma pessoa de outrora. Completamente moldada pelo tempo, a vida lhe ensinou outro olhar para o mundo, para os sentimentos sinceros e para a felicidade.

Fiquei feliz que ela estava tão diferente.

Radical e impulsiva, muitas vezes agressiva em todas as questões, o temperamento impossível a excluía de todos os trabalhos em grupo e sempre eu lhe estendia as mãos para que ela participasse conosco, por isso, Gladys era uma pessoa de poucos amigos.

E o que vejo bem a minha frente é uma Gladys totalmente passiva, meiga, mãe exemplar!

— Você me olha deste jeito — disse ela

—, porque está me avaliando desde os tempos da faculdade, não é isso Júlia?

E rimos, nem precisei falar nada.

A menina era tranquila e estava se divertindo na piscina de bolinhas e nós

duas tomando um delicioso café e “jogando conversa fora”.

— Você deve estar curiosa sobre ela, né?

— Pergunta Gladys.

Sim. Ela pelo jeito modificou totalmente o seu ser e para melhor, acho.

— É verdade, a Costanza desde que a conheci foi amor à primeira vista!

— Fiquei em dúvida se era sua ou não, mas com os tempos modernos...

— Não tão moderno assim com a minha idade. Bem, depois de adotá-la resolvemos lhe dar outro nome para uma vida nova, porque era ainda um bebê de pouco mais de um ano de idade e sua adaptação ao novo nome seria fácil, e ela gostou. Quem na verdade encontrou esse anjo foi o Antônio...

...

— Era quase final de tarde quando o meu marido foi até a padaria comprar pães e um bolo para café. Antes de entrar no estabelecimento uma senhora se aproximou com bebê ao colo e lhe pediu alguns trocados. Ele se virou e viu a mulher com semblante sofrido com a criança também com aparência fragilizada, roupas sujas e rotas.

— Ao sair ele lhe entregou um saco de broinhas e outros pães doces para a mulher, que deixou a padaria e foi caminhando lentamente, deveria estar com a criança não muito longe dali, já que era moradora de rua e essa população triplicou em Santos de 2017 a 2019. E pelo que observamos, a cada dia

mais pessoas e famílias têm ocupado marquises de estabelecimentos comerciais depois de fechados, se alojando da melhor maneira possível, sob o abrigo de sereno, chuva e vento. É uma legião de miseráveis que cresce a cada dia, sem lar, sem emprego, sem futuro algum. E Costanza estava entre eles, padecendo de todo tipo de necessidade juntamente com a mãe.

— O Antônio, meu esposo chegou arrasado, senti a tristeza em seus olhos ao relatar o acontecido, dizendo-me que sentiu-se inútil em não poder fazer mais nada para elas.

— Nossa, que história triste mesmo —, disse eu. Mas como é que vocês...

— Sim, me desculpe interrompê-la, mas a menina e sua mãe, a imagem delas ficou martelando os pensamentos de Antônio, que as procurou pela redondeza sem encontrá-las. Acontece que a mãe virou moradora de rua depois que ficou doente, ela fazia programa e com a doença não conseguiu mais clientes e acabou nas ruas com a criança.

— Estou chocada, que história, heim? — Mas como vocês conseguiram adotá-la? A mãe simplesmente entregou a menina?

— Perguntei-lhe impaciente.

— Não. Estávamos já em casa quando vimos uma reportagem muito dolorosa na TV Tribuna, emissora televisiva de maior audiência da região. A matéria era sobre uma pequena criança que ficara órfã após o falecimento da mãe. E como ninguém se manifestou enquanto a menina estava no abrigo foi para o Lar de Assistência ao Menor em São Vicente.

— Antônio ficou arrasado, pois reconheceu a “menina dos pães” de imediato. Depois de muita conversa, chegamos a um acordo. Na instituição, a menina ao ver o Antônio, foi logo estendendo os bracinhos, parece que ela já o aguardava, foi um momento mágico! — A menina chamava-se Fernanda, mas Antônio preferiu dar-lhe o nome de sua avó paterna Costanza, italiana de Roma e desde então essa criança só tem nos dado alegrias.

Júlia residia desde formada em São Paulo, e Gladys passara a tarde na capital paulistana, as amigas prometeram novo encontro e se despediram.

Em seu apartamento na Vila Mariana Júlia não parava de pensar na incrível história de adoção de sua amiga, uma tragédia que teve um final feliz de verdade porque histórias miseráveis nos são apresentadas diariamente em muitos canais de televisão, em jornais impressos e digitais, e o que mais a surpreendeu foi o acaso!


Em seu apartamento na Ponta da Praia de Santos, Gladys e o marido preparavam-se para descansar. Ao terminar de ler para Costanza, Antônio beija a menina, que já pegara no sono.

— Durma bem minha filha, diz ele beijando a cabeça da criança, conseguir encontrá-la foi o meu maior trunfo. Este será sempre o nosso segredo; que pensem no acaso, para mim isso não existe!



Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: miriansssantos@gmail.com.



A ÚLTIMA BOLACHA DO PACOTE

por Roberto Schima

Conto

Minha necessidade de falar é premente. Não me consigo conter. Então, eu falo:
— Não é fácil ser a última bolacha do pacote...
— Ora, cale a boca!
Quem retruca é uma companheira, três bolachas a minha frente. Mas não consigo vê-la. É tão escuro e apertado. Contudo, fiquei sabendo: ela é a próxima. E arremata:
— Quer trocar de lugar?
Não somos amigas.
Não temos amigas.
Nenhuma de nós.
Unidas a força, porém, intimamente separadas ante a expectativa de nosso comum destino.

E eu sou a última bolacha do pacote. Somos doces. Somos redondas. Somos jovens e recheadas. Somos apavoradas e infelizes. Não me zango, nem fico injuriada. Eu compreendo, afinal, ela é a próxima. Está antes de mim na fila. Sua ansiedade e seu medo são tão palpáveis quanto os farelos que soltou quando sua vizinha imediata foi embora. Ah, aquela infeliz! Nunca vi uma bolacha chorar e gritar tanto assim. Eu não diria esperar, pois não temos membros. Mas foi triste, muito triste.

Cada uma de nós reage de um jeito, afinal, se por fora parecemos todas iguais, intimamente temos personalidades distintas.

— *Ego sum qui sum!* — eu grito.
 — Fecha o bico! — berra e chora minha
 desafortunada vizinha.
 Eu a compreendo.
 Imersa em seu terror, ela não me
 consegue compreender.
 Tenho de falar. Preciso falar para
 amenizar o meu próprio terror.
 Por que estamos no corredor da morte se
 nada fizemos?
 Ah, ninguém nunca pensou nisso.
 Sequer viva alma colocou-se em nosso
 lugar.
 Uma curta existência, cuja finalidade é ser
 trucidada por um punhado de dentes
 vorazes e cariados.
 Minha vizinha imediata é do tipo
 caladona, como a maioria. Desde o
 princípio aceitou seu destino
 resignadamente. "Destino"... Essa é a
 palavra-chave para a maioria de nós.
 Quisera ser assim, todavia, eu não
 consigo.
 Não berro.
 Não choro.
 Porém, tenho que falar.
 — Quero viver!
 — Vá pro inferno!
 Eu poderia retrucar: "Você vai primeiro",
 mas seria de uma maldade ímpar e não
 haveria conforto algum nisso.
 Ser a última bolacha significa ser a
 primeira a enfiarem no pacote, esse
 invólucro apertado e escuro, que tão
 mais apertado e escuro se torna quando a
 última — que será a primeira a ser
 devorada —, é finalmente prensada e o
 pacote lacrado.
 E somos transportadas até o
 supermercado.
 E, na prateleira, esperamos e esperamos,
 torcendo para o que o próximo pacote
 escolhido não seja o nosso. É cruel, mas
 verdadeiro. A lei do cardume.

Ninguém nos pergunta se somos
 claustrofóbicas.
 Ninguém se importa com nossa
 infelicidade.
 Ninguém se compadece de nosso
 desespero.
 Ser a última significa que, se o pacote
 cair, será aquela bolacha a ficar toda
 arrebatada, esfarelada, antes do
 inevitável fim. Tenho rachaduras para
 provar.
 Ser "a última bolacha do pacote" é ver-se
 transformada em uma expressão
 pejorativa, de alguém petulante, esnobe,
 fútil. Não me sinto nada esnobe nessa
 situação.
 — Sua esnobe! — grita a minha vizinha
 como se lesse os meus pensamentos.
 Como pode ela não compreender o meu
 desespero? Eu acumulo a ansiedade, o
 medo, a angústia de todas as minhas
 antecessoras, inclusive dela. Vejo o fim
 chegando passo a passo, bolacha a
 bolacha, naquela lentidão de um pesadelo
 sem fim.

E sou a última... A última!
 Sem ter a quem desabafar ou descarregar
 o meu derradeiro fim. Sem poder falar o
 que eu gostaria de fazer ou ter feito, caso
 a liberdade estivesse ao meu alcance.
 Narrar sobre os meus sonhos não
 concretizados dentro dessa noite
 interminável. Contar sobre a infinita
 tristeza de partir sem sequer ter
 conhecido a luz do Sol. E ouvir! Sim,
 ouvir. Escutar sobre as expectativas que
 as outras teriam, se não estivessem sob a
 lâmina do carrasco. O que diriam?
 Falariam de amizade? De passeios? De
 desilusões? Mas não há a quem falar.
 Não há quem nos ouça. Alguém pode
 sequer imaginar tal tipo de solidão?
 — Sou a última!

— Miserável! — retruca ela, achando que eu me gabava, quando foi justamente o oposto.

Ser a última bolacha do pacote é ser recebida mediante um olhar desapontado, contrariado, de desdém até. Ser a última significar levar mais tempo para voltar a respirar o ar puro, vislumbrar novamente a luz — ainda que de neon —, dominar o desespero e, assim, nessa coragem fingida, alcançar a paz enquanto se é triturada.

É a tortura lenta a esperar a morte.

Aguardar a triste sorte.

E o saber de não ser suficientemente forte.

Quantas rimas para uma vida de agruras.

Tão curta é a nossa existência.

Sob tamanha tortura.

— Rimei de novo!

Eu seria poetisa...

— Dane-se você, sua maluca...

Oh, infeliz! Ela não pôde terminar. O pacote é movido. No familiar barulho de desamassar, percebo que acaba de ser aberto.

E minha infeliz vizinha some sob um grito agudo que a ninguém comoveu...
... exceto a mim.

— Adeus! — grito o mais alto que posso.

— Adeus!

Dessa vez, não obtenho resposta.

E, assim, novamente no escuro, aguardo e aguardo numa espera sem fim de uma noite sem sonhos.

Outras se vão.

Caladas.

Conformadas.

Traumatizadas.

A que está imediatamente ao meu lado vai embora.

— Adeus — eu digo, sem aguardar resposta.

Mas a caladona me diz:

— Eu te amo.

Céus, como eu poderia saber?

E nos momentos seguintes eu penso sobre o seu silêncio e o seu contato junto a mim.

Demora, mas o meu dia chega.

Reflico isso neste exato momento, quando — enfim! — é a minha vez.

A hora.

Agora!

A bolacha poetisa se evapora.

Estou só, terrivelmente só.

A última bolacha.

Meus pensamentos fazem eco no pacote amassado e vazio. Vejo o rastro das outras no caminho. Procuo em vão pelas últimas palavras.

Não há tempo.

Não há concentração.

Só há o destino a espera.

O pacote é virado, dobrado e revirado.

Torna a fazer aquele barulho irritante, peculiar, estalado.

Como alguém pode refletir com toda essa zoeira?

— Pare!

Eu deslizo. Vejo a luz, finalmente! Eu vejo a luz no fim do “túnel”. E isso não é uma metáfora de esperança.

Um par de dedos me espreme, empurra-me para fora desse aperto.

A última bolacha do pacote.

Aquela que está quebrada, esfarelada, desiludida. Existência miserável para um fim inglório.

Aguardo o olhar de desdém e desapontamento.

Ar puro enfim! Ao menos por isso, vale a pena.

E o olhar, aquele olhar...

Não, não é “aquele olhar”, não é desapontamento.

Sou a última bolacha do pacote.

As mãos pequenas da menina seguram-me como se eu fosse uma jóia preciosa. Suas roupas estão puídas. Seu olhar não é de pouco caso. Há uma certa hesitação, uma fagulha de tristeza. Ouço a voz: — Só uma bolacha a cada dia... E já acabou? É a mãe da criança. Sou a última bolacha. Observo a menina. Vejo as condições precárias de sua moradia. Qual sacrifício sua mãe precisou fazer para adquirir o pacote? Essa extravagância? Essa regalia? A criança reluta em abrir a boca. Última. A última!

Quando tornará a ver outra bolacha? Então, relutante, decide-se. E, ao ver seu olhar, misto de expectativa e tristeza, eu sorrio. Sim, sorrio diante da morte, pois, assim, espero-me fazer o mais doce possível dentro daqueles pequeninos lábios que se abrem. E, em meu derradeiro momento, não me sinto mais desesperada, nem triste, nem sequer solitária. Tornar-me-ei parte dessa criança e de minhas irmãs que se foram. Por um momento, a menina será feliz diante de minha doçura em sua boca. E, quanto a mim, eu quase sentir-me-ei finalmente... ... feliz.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



NINA E O HOMEM DA SUNGA PRETA

por Roberto Leon Ponczek

Conto

José Goldblum conheceu os Bergman na década de 80/90. Abraham Bergman era seu colega no Instituto de Pesquisas Físicas e compartilhava com ele uma sala no Instituto. Da convivência profissional, resultou uma sólida amizade que se prolongou aos espaços privados da bela casa no bairro de Costa Verde onde os Bergman residiam.

Abraham era um judeu *ashquenazita* nascido na Rússia e um homem moreno,

de forte compleição, cabelos vastos negros ligeiramente encaracolados que não dava muita importância à sua aparência, trajando quase sempre uma surrada calça jeans e usando uma grossa armação de óculos que lhe conferiam ares de um intelectual desligado.

Tinha sólida formação em materialismo histórico e dialético e isso aproximou-os, pois quando mais jovem no Rio, durante os anos de chumbo da ditadura militar,

José estudara Marx e tinha lido com muita atenção a Ideologia Alemã, livro onde Marx expõe com clareza e ironia os fundamentos do materialismo histórico, em franca oposição ao idealismo alemão de Hegel e seus discípulos, os ditos hegelianos. Para Marx a divisão de trabalho que ocorria no interior das fábricas era mais importante que as grandes idéias iluministas que até então se pensava serem a mola propulsora da dinâmica da História. José e Abraham compartilhavam essas idéias, além de um Judaísmo secular, o que os uniu de forma quase fraterna.

Sua mulher Elisa Bergman era mineira de origem católica e havia se convertido ao Judaísmo para se aproximar da religião de seu marido, embora este jamais houvesse lhe exigido tal atitude, pois estava longe de poder ser considerado um judeu religioso. Ela era uma morena de baixa estatura, de cabelos curtos a la garçon e usava óculos de grossas lentes de fundo de garrafa, era também professora de matemática do Instituto. Muito comunicativa tinha grande participação na vida comunitária da

Sociedade Israelita, o que de certa forma reforçou a aproximação de José com o casal. Ele um judeu ateu marxista (Graças a Deus!) e ela uma judia convertida com grande atuação nos meios comunitários judaicos. Por esta época, José começava a se reaproximar do Judaísmo que havia abandonado desde que à Bahia chegara. Sua filha Mila queria se converter ao Judaísmo, pois apesar de ter pai judeu, não era filha de mãe judia, o que para os judeus não é condição suficiente para ser considerada judia. José a levava então todos os sábados ao clube judaico para atividades de recreação e estudos judaicos com vistas a uma posterior conversão ao Judaísmo. O casal Bergman também freqüentava o clube, juntamente com Nina, sua filha caçula adolescente, na época uma bela ninfeta com corpo esguio e longilíneo que a capacitava a ser modelo de desfile de modas.

O marxismo paradoxalmente judaico de Abraham e a militância comunitária de Elisa reforçaram em José a necessidade de um retorno ao Judaísmo, abandonado por causa do sofrimento que sentia ao lembrar a história de seus pais, ambos

sobreviventes do Holocausto nazista. Passavam horas no clube, ora no bar, ora na piscina onde, juntamente com outros amigos judeus, discutiam temas políticos da época. A violenta guerra da Bósnia em que o truculento líder sérvio Milosevic bombardeava sistematicamente e impiedosamente a população civil bósnia era o tema central das discussões.

Naquela época, José era um homem relativamente esbelto com a prática sistemática de natação e frescobol e não tinha escrúpulos de exhibir seu físico, trajando uma sunga preta de um tecido sintético - que na época foi patenteado como Jersey- presa ao corpo abaixo da cintura com um cordão branco no qual dava um laço. A convivência com os Bergman havia se acentuado e se tornado freqüente a tal ponto deles pedirem a José que, aos sábados quando levava Mila ao clube para as atividades judaicas, ele passasse na casa do casal antes e desse uma carona para Nina.

José, como veio a saber muitos anos depois, ganhou da adolescente filha do casal Bergman o epíteto de “homem da sunga preta”, e mal sabia que olhares

furtivos da bela ninfeta, que passou a levar ao clube judaico, e educada por seus pais, com muito rigor para ser uma imaculada e inocente virgem até o casamento, dirigiam-se voluptuosamente para os contornos de seu corpo atlético, bem delineados pela tal sunga preta apertada e cuidadosamente amarrada com o cordão branco ao nível pouco acima de sua púbis. José mal sabia também, que quando ele se levantava da mesa onde a jovem se sentava, seus olhares seguiam-no com volúpia, até a piscina, atizando ao paroxismo a sua precoce libido de menina mal saída da adolescência. Ele jamais poderia se dar conta que, cerca de um ano depois do súbito falecimento de seus pais, Nina Bergman já não se satisfaria apenas com seus olhares furtivos em direção ao seu corpo, mas passaria a clamar por contatos explícitos que poderiam culminar com a perda de sua tão proclamada virgindade. José solitário com seu casamento desfeito deixar-se-ia levar pelos encantos juvenis, mas demoníacos da donzela que há alguns anos antes acompanhava ao clube judaico como uma espécie de protetor confiável.

Até então, José, homem vivido e experiente na arte da corte e conquista de belas mulheres, não havia se dado conta que o pedido de ser uma espécie de tutor acompanhante da menina seria algum tempo depois o mesmo que o pedido para que a raposa vigiasse o galinheiro...

Cerca de um ano se passara quando o infortúnio se abateu sobre a família de Nina, tendo seus pais lamentavelmente falecido com um breve interregno de tempo entre as duas mortes. Ela ficou órfã precocemente quando ainda mal havia saído da adolescência. Era inexperiente, mas mentalmente aguçada pela repressão de seus pais, que lhe deram uma educação extremamente conservadora e até mesmo repressora, estava plena de pulsões eróticas que, após os recentes e trágicos acontecimentos, afloraram-lhe de maneira incontrolável os desejos ainda não manifestos de entregar-se ao homem maduro, objeto de seus mais recônditos desejos juvenis: o homem da sunga preta. José tornou-se para ela uma espécie de tutor, amigo confiável da família e depositário dos fortes sentimentos edípicos que nutria pelo pai.

Cerca de um ano depois da morte de seus pais, Nina já era uma jovem mulher com pouco mais de 20 anos, mantendo sua silhueta magra de modelo, desenvolvendo fartos seios protuberantes em forma de grandes peras arredondadas que se sobressaiam contrastando com sua magreza. Tinha pernas finas e longilíneas que lhe explicitavam a magreza e um vasto cabelo castanho escuro, ora soltos, cobrindo-lhe os ombros, ora presos em um rabo de cavalo, seu rosto era alongado e estreito realçando sua magreza. José então já era um homem grisalho de meia idade, beirando seus 50 anos, usava um cavanhaque bem aparado e óculos de lentes redondas, estilo John Lennon. A grande diferença de idade de cerca de 30 anos não foi um fator impeditivo para a atração mútua e não deteve o inevitável encontro amoroso que fatalmente em breve estaria fadado a ocorrer.

Nina, pouco antes do falecimento de seus pais, fora estudar Direito no Rio, havendo cerca de dois anos que não se viam quando, para a surpresa de José, ela lhe telefonou informando-lhe de sua chegada a Salvador, pedindo

peremptoriamente para ir buscá-la no aeroporto. Reencontraram-se no aeroporto ainda como amigos, beijando-se formalmente nas duas faces. No caminho de volta, José tomou o rumo da casa de Nina, onde ainda residiam seus irmãos, mas esta lhe ordenou que mudasse o itinerário para a casa dele, mas antes lhe pediu que parasse o carro a beira mar da praia de Ondina de onde se podia descortinar uma belíssima vista marinha.

Sentaram-se na balaustrada e Nina, depois de um longo silêncio, pediu a José que a beijasse. Ele tornou a fazê-lo de forma pudica em seu rosto alongado e ainda juvenil de menina. Para ele Nina ainda era a adolescente que conhecera alguns anos antes quando seus pais eram vivos. Nina reprimida em seus desejos ardentes, alimentados por longa data, colou seus lábios nos lábios de José num gesto intempestivo que alguns segundos depois se tornou um longo beijo carnal e profundo. José estupefato com a ousadia da jovem garota, mal acreditava no que estava acontecendo. Nina, pelo contrário, lhe dava um sorriso ao mesmo tempo carinhoso e deliciosamente malicioso.

Trocaram ainda algumas carícias mais íntimas, quando José ousou pela primeira vez acariciar seus fartos seios, logo em seguida ela ordenou-lhe seguir para a casa dele.

Sentaram-se na sala e ouviram o Concerto no 1 de Chopin, que ambos tanto apreciavam – em sua infância Nina estudara piano clássico para se tornar uma concertista e José era crítico musical de um grande jornal de Salvador. Em pouco tempo, Nina acomodou-se na casa de José, deslocando-se com desenvoltura no vasto espaço do apartamento e quando a noite este lhe indicou o quarto de sua filha para dormir, Nina recusou com veemência, respondendo-lhe "nada disso, quero dormir na tua cama ao teu lado". Quando a noite caiu Nina já estava aconchegada ao lado de José que a acariciava carinhosamente sem ousar tocá-la com mais intimidade.

Estranhos sentimentos se apoderaram de ambos, um passado de pudicícia se sobrepunha a um tempo presente carregado por fortes desejos eróticos. E assim adormeceram abraçados embalados ainda pelos sons de Chopin

mesclado ao efeito de alguns cálices de vinho.

Na noite seguinte, o estranho ritual se repetiu e carícias ardentes eram contidas pela repressão que o passado lhes impunha. Nina estava no comando e a transição entre o franco erotismo e a contida reverência era ela quem decidia. Parecia que a imagem do homem de sunga preta de anos atrás era subitamente substituída, na mente de Nina, pela figura de seu severo pai. Ora era José e ora era Abraham que a abraçava. Ela precisava de ambos e os alternava no momento mais intenso de excitação. Ela queria livrar-se da pesada cláusula da virgindade estabelecida por seus pais, mas logo depois a queria preservar. Nas duas noites seguintes o enredo se repetiu e Abraham e José se revezavam na mente dividida de Nina o que fazia com que seu corpo passasse subitamente de uma grande excitação à clausura total.

Porém algo inusitado ocorreu na quarta noite em que compartilharam da mesma cama: Nina atingiu um nível de excitação nunca antes visto e, num suspiro rouco, quase um gemido, pediu a José que a penetrasse profundamente. Pela primeira

vez, José sentiu que os músculos pubianos de Nina haviam se relaxado completamente, permitindo-lhe uma suave penetração. E assim os lençóis da cama se tingiram do sangue virginal de Nina o que deixou o incomum casal de amantes numa incontida alegria.

Festejaram o rompimento do hímen como se fosse a Queda da Bastilha! Em linguagem bíblica, José havia conhecido Nina e esta finalmente consumara o desejo reprimido de anos, entregando-se ardentemente a José. Garrafas de vinho foram abertas e taças de vinho foram erguidas para festejar a consumada liberdade e o fim da cláusula de virgindade imposta por seus pais.

Consumatum est!

José tentou inutilmente persuadir Nina a voltar a Salvador para viverem juntos, e quem sabe até se casarem, mas, nem seus pais conseguiram antes tal façanha. Nina visava apenas entregar-se ao homem, objeto de seus desejos juvenis, incumbindo-o de deflorá-la, para logo em seguida retomar sua vida acadêmica no Rio. José, embora triste, entendeu que não poderia detê-la e despediram-se

afetuosamente. Nina partiu de volta ao Rio de Janeiro onde cursava um mestrado em Direito e José permaneceu em Salvador.

Vinte anos se passaram sem que José e Nina se encontrassem. Ela, porém lhe ligava freqüentemente para contar detalhes de sua vida acadêmica e amorosa. Tinha concluído seu mestrado e doutorado na PUC e fez um pós doutorado em Florianópolis para depois ir trabalhar como professora de pós graduação numa universidade do Rio Grande do Sul, passando a residir em Porto Alegre. O homem que antes tanto desejara tornou-se um confidente. Nesse longo espaço de tempo, ela tinha tido uns poucos namorados e José teve um longo relacionamento. A distância que os separava era continental: ele residindo ainda em Salvador, ela em Porto Alegre.

Um dia Nina telefona de Porto Alegre para José confidenciando-lhe sua solidão: “Terminei um caso que tive com um colega e fiquei só”. “Não gosto da cultura gaúcha, odeio chimarrão, e não consegui fazer muitas amizades por aqui”. Ela agora já era uma balzaca de quarenta e dois anos e José do alto de

seus sessenta e nove já adentrava a terceira idade. Ele também lhe confessou que depois de um longo relacionamento acabara ficando sozinho. “O que acha de me fazeres uma visita em Salvador?” “Não uso mais aquela sunga preta, mas creio que ainda estou em forma, não queres vir a Salvador para conferir?”- propõe-lhe jocosamente José, enviando a Nina algumas fotos recentes.

Ao esquadrihar as fotos que Nina lhe enviara, o antigo instinto do “homem da sunga preta” de 20 anos atrás aflorou-lhe a libido. “A menina virgem do clube judaico é agora uma bela e madura, porém ainda jovem mulher”- pensou ele diante das fotos. Tinha ganhado alguns quilos a mais e seu corpo já não era a de uma adolescente candidata às passarelas, mas seu rosto ainda exibia a frescura de antes e seus seios ainda permaneciam rígidos sem render-se à ação da força da gravidade. A recíproca foi verdadeira e Nina aprovou as fotos que José lhe enviara. Uma semana depois, ela, como sempre muito determinada, desembarcava em Salvador e José a esperava no aeroporto.

O mesmo apartamento os aguardava e o concerto no 1 de Chopin, interpretado por Arthur Rubinstein, já estava no *player* pronto para ser executado, desta vez com um fino licor de cassis para acompanhar a audição e brindar o reencontro da ex-adolescente Nina com José, o ex-homem da sunga preta! Tudo se passava como um *deja vu* real! Nina estava de novo ao lado de José, mas, desta feita, sem as inibições da menina reprimida pelos pais. Embriagaram-se de música, de licor de cassis e de tantas carícias trocadas desta vez sem limites. Ao entrarem no quarto

de casal, José lhe fez a mesma proposta: “queres dormir no quarto de minha filha?” Nina não se deu o trabalho de lhe responder, apenas deu um sorriso, meneou cabeça com um silencioso movimento de negação e se deitou com uma curta camisola transparente na cama de José. Alguns momentos depois seus corpos já estavam juntos e misturados pela renovada paixão: *consumatum est!* Ambos entenderam que desde sempre estavam irremediavelmente fadados um ao outro...

Roberto Leon Ponczek

É Mestre em Física Nuclear pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, professor de Física concursado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto IV da UFBA. É doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. É membro dos grupos de trabalho Benedictus Spinoza e Filosofia do séc. XVII, da Anpof e Professor Permanente no Doutorado Multidisciplinar de Difusão do Conhecimento onde orienta vários alunos de Doutorado e leciona Epistemologia e Seminários de Tese. Possui vários trabalhos publicados sobre a filosofia de Spinoza, além de participações em encontros e congressos de Filosofia da Ciência e Educação. É autor dos livros *Os crocodilos guardiões e a Biblioteca da Babilônia: manhas, artimanhas e imposturas acadêmicas*, publicado recentemente pela CRV e *Deus ou seja a Natureza: Spinoza e os novos paradigmas da Física*, recentemente reeditado pela EDUFBA. Dedicar-se atualmente a construir uma pedagogia da ciência, inspirada nas filosofias de Einstein e Spinoza. E-mail: roberto.ponczek@gmail.com.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

A photograph of the Space Shuttle Columbia during launch, viewed from a low angle looking up. The orbiter is attached to the external tank and solid rocket boosters. The orbiter has "USA" and an American flag on its side. The boosters are firing, creating large plumes of white smoke and fire. The background is a clear blue sky.

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 60 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

**ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publeditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com